MOVIMENTO DE CONTESTAÇÃO OU AGRESSÃO AO CORPO?

Uma discussão sobre a Body Modification e a arte da performance na década de 90

Carla Ruiz Martin

Resumo

Este artigo é uma análise do movimento estético que toma forma no Brasil, especialmente em São Paulo na década de 90, *intitulado Body Modification*. E também de como a arte utiliza-se do corpo nesse mesmo período, pouco após a saída de um regime militar cuja censura exilou muitos artistas que contestavam a sociedade. As formas de modificação utilizadas no período, o choque que as mesmas causavam nas pessoas e a forma como elas se popularizaram rapidamente, na mesma velocidade dos lançamentos tecnológicos e de mudanças de comportamento social. Serão abordadas diferentes visões de participantes sobre como algumas pessoas ainda pretendem contestar a sociedade atual através de manifestações artísticas e com o uso do corpo.

Palavras – chave: Modificação corporal, body art, década de 90

Introdução

Percebe-se, a partir da segunda metade do século XX, a popularização de práticas corporais que podem ser relacionadas a mudanças na aparência

física, como as tatuagens, e a rapidez com que a moda dita tendências. E no campo das artes, vemos a performance tomar um espaço de destaque.

Na década de 90, o corpo começa a ser tema bastante discutido, a padronização corporal é imposta por uma sociedade capitalista extremamente consumista; a cirurgia plástica tem seu auge também nesse período em que o medo de não pertencer à sociedade cujo belo é ser magro e ter o corpo esculpido, e também cujo medo da velhice é presente.

O presente artigo trata do estudo de um movimento contrário a esse corpo modelado e padronizado da década de 90, a *body modification*, e também de manifestações artísticas que utilizam o corpo como forma de contestação a padrões sociais, a performance.

O quadro de referências utilizadas na pesquisa é composto por obras que abordam não só a modificação corporal, como também obras que contam o histórico da performance. Entre elas, podemos citar: Beatriz Ferreira Pires – *O Corpo Como Suporte da Arte*; Roselee Goldberg – *A Arte da Performance – do futurismo ao presente*; Jorge Glusberg – *A Arte da Performance*; Camilo Albuquerque de Braz – *Além da Pele – Um olhar antropológico da body modification* em São Paulo.

Trabalhei com autores que também tratam da questão corporal, como Marcel Mauss e David Le Breton com seu *Adeus ao Corpo*. Também trabalhei com Michel Foucault e a *Microfísica do poder* e Diana Crane com *A Moda e seu papel social*, para trabalhar com a relação sociedade e marcas corporais.

Para entender o contexto da época e movimentos culturais, trabalhei com autores como Skidmore, Marshall Berman - *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Zygmunt Bauman – *Identidade*, Paulo Sérgio do Carmo e Janice Tirelli Ponte de Souza.

Como fonte principal para este trabalho contamos com entrevista realizada com duas pessoas de destaque na cena da modificação corporal brasileira, Thiago Soares, o T.Angel que é *performer* e adepto dessas práticas desde 1997 e a *Body Piercer* Zuba, que trabalha com modificação corporal desde 1992 e é uma das precursoras da técnica em São Paulo.

O presente artigo está dividido em três partes, a primeira, *Práticas corporais: A Body Art e Body Modification,* que visa abordar as práticas que serão analisadas nas duas entrevistas. Neste capítulo será possível entender como a *Body Art* diferencia-se da *Body Modification* e como uma pode ter tom contestatório e a outra somente estético, e também perceber quando a modificação corporal é inserida no contexto da *Body Art.*

A segunda parte, *Breve Histórico da Body Modification e da Performance,* apresenta algumas manifestações e os principais artistas de performance ao longo dos anos, relacionando-as ao contexto em que foram realizadas, e também mostra momentos marcantes da *Body Modification*, que contribuíram para sua expansão.

A última parte, *Década de 90. Ainda contestamos algo? Opiniões divergentes sobre o mesmo tema*, traz a análise das entrevistas, analisando as questões estéticas, seus adeptos e a imagem/mensagem que querem passar aos outros, como encaram a questão da dor envolvida no processo de modificar-se, analisar a cirurgia plástica como modificação corporal e os padrões estéticos vigentes, através do olhar de um artista de performance e da precursora das técnicas de modificação corporal no Brasil.

Devido à amplitude do tema e das diversas opiniões que o mesmo gera, a opção por somente duas pessoas para a realização desse artigo é suficiente para podermos compreender o quão ele pode ser trabalhado e discutido e para refletirmos se as práticas são agressivas ou se possuem essa conotação devido ao padrão de beleza de nossa sociedade, e também para pensarmos se elas são vistas somente como representações estéticas ou contestatórias.

Práticas corporais: A Body Art e a Body Modification

> O tema do corpo na arte é um fenômeno com valor desalienante, que une a produção a seu produto, ou seja, liga o corpo humano a seus comportamentos.
>
> Jorge Glusberg

As práticas e rituais envolvendo o corpo estão presentes em nossa cultura há muito tempo. É possível pensar em um número ínfimo de maneiras de manipular o corpo, seja mudando sua forma original, utilizando-se de adornos para deixá-lo mais belo, ou para diferenciar-se do padrão social, seja trabalhando-o de forma artística, para contestar algum estigma da sociedade ou realizar um trabalho teatral.

Pensando nas maneiras de trabalhar com o corpo, podemos abordar duas manifestações importantes no século XX, a *Body Art* e a *Body Modification*, que podem dialogar entre si, porém não são práticas iguais. Pessoas que fazem mudanças no corpo como tatuagens ou *piercings*, ou mesmo as cirurgias plásticas, seja por motivos estéticos ou não, são adeptos da *Body Modification*, termo bastante amplo:

> O termo "*body modification*" se refere a uma longa lista de práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*, o *cutting*, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *body building*, a anorexia e o jejum – formas pela qual a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo. (FEATHERSTONE *apud* BRAZ 2006, p. 1-2)

Dentre as práticas citadas por Featherstone para modificar o corpo, observamos que tatuagens, *piercings*, *escarificação*, implantes e também os rituais de suspensão que não aparecem nessa definição são os principais componentes dessa lista. Os adeptos dessas práticas são chamados de *Modern Primitives*, termo criado por Fakir Musafar e utilizado para:

> [...] indicar o modo de vida de indivíduos que, mesmo sendo membros de uma sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como centro de suas experiências. Esses indivíduos, que associam o conhecimento às sensações, respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais, se permitem qualquer tipo de manipulação corporal. (PIRES 2005, p. 102)

Estas pessoas realizam práticas corporais vindas do que consideramos "primitivo", partindo da concepção ocidental do que é esse primitivismo, fugindo dos padrões estabelecidos na nossa sociedade "[...] no que diz respeito à

religião (monoteísmo), casamento (monogamia), economia (mercado livre), governo (representação democrática)" (MIZRACH, p.1).

O conceito de pós-modernismo mostra esta inserção do que é considerado primitivo ou mesmo velho, que já foi abandonado, ao mundo contemporâneo, trabalhando com as tecnologias e possibilidades atuais. Como nos mostra Mizrach a ironia em um universo onde tudo já foi provado cientificamente ou experimentado está no retorno do antigo, já desvalorizado:

> "[...] Uma combinação de modernidade e pré-moderno – um tipo de marca do abandonado e do não tentado. Num mundo onde o velho (tradição, superstição, crenças populares, etc.) é mais e mais abandonado, nada pode ser mais novo e vanguarda do que reintroduzi-lo mais uma vez: este é o estado irônico da pós-modernidade. (idem, p.2)

Para Pires (2005), as artes visuais causam impacto nas pessoas, trabalham com diversos sentidos do espectador, como repulsa, encanto ou mesmo a indiferença, porém para ela a linguagem que utiliza o corpo como suporte para a arte é a que mais causa impacto, afinal o corpo confere um caráter sagrado e "a nossa cultura há séculos determina que o corpo seja preservado da exposição pública, pois ele é o reduto da intimidade e da dor." (p.22)

T.Angel, em entrevista feita para esta pesquisa, também fala um pouco sobre o padrão ocidental, no qual as pessoas fazem de tudo para ficarem bonitas de acordo com o ideal estabelecido, cortando e perfurando o corpo – que para ele também é sacralizado - tanto ou até muito mais do que os adeptos da *Body Modification*, que a fazem para ficar diferentes.

> "Eu acho que a plástica, ela vai estar pro sujeito como um elemento da modificação corporal. A única diferença é que a cirurgia plástica, ela é socialmente aceitável, porque ainda tá dentro do preceito cristão, branco, moral e bla bla bla, e a modificação corporal, como você interfere de uma forma que justamente agride o corpo, a cirurgia plástica agride tanto quanto. Mas enfim, foge da coisa cristã, do corpo limpo, corpo puro lalala, e aí vai ter um preconceito social [...]" (T. Angel, 16/04/2010)

Na *Body Modification* existe o conceito de extremo e não extremo. *Piercings* e tatuagens seriam já aceitos pela sociedade, não se enquadrando nas modificações extremas. Já *piercings* em locais menos comuns,

escarificação, implante e rituais de suspensão seriam considerados práticas extremas, que chocam.

Esta definição pode mudar com o tempo e de indivíduo para indivíduo. Muitos que possuem as modificações extremas não consideram as mesmas agressivas, ou algumas pessoas que possuem muita tatuagem podem achar que isso é extremo devido ao choque que causa.

Para T.Angel "tudo o que você pode colocar como cirúrgico, implante, o *tongue split* (língua bifurcada) é extremo, e tatuagem e *piercing* seria o não extremo, já que é só perfurar e marcar".

Zuba nos mostra o que era extremo na década de 90, período que inicia seu trabalho como *Body Piercer,* e o que ela considera extremo hoje:

> "Olha, naquela época extremo, que as pessoas ficavam assim muito... é, achavam muito estranho, na época dei até uma entrevista sobre isso, era o *piercing* genital. Nossa, *piercing* genital, imagina... as pessoas achavam muito estranho, ficavam muito assustadas. O extremo hoje em dia é mutilação, aqui tem quem faça. Já me procuraram e me nego a fazer." (Zuba, 04/02/2010)

A mutilação a que Zuba se refere é amputar alguma parte do corpo, por qualquer motivo e T.Angel concorda com ela ao dizer que este processo vai 'debitar o corpo', ele afirma que não entende essa prática e que talvez um dia possa abrir sua percepção pra isso. Já Zuba relata o caso de um cliente que a procurou para fazer amputação, e ela é categórica: Não realiza esse tipo de intervenção.

> "Tem um cara que me procurou, por mostrar fidelidade à namorada dele. Porque ela pegou ele no elevador com a empregada, e aí ele queria provar pra ela que não, que era ela que amava e não sei o que, aí ele queria mutilar dois dedos da mão. Igual a Yakuza faz, que corta o dedo, então. Aí ele queria fazer dois dedos e entregar o dedo pra ela. Eu falei: Você é louco, imagina, nunca. Mas de jeito nenhum..." (Zuba, 04/02/2010)

Logo em seguida ela fala sobre práticas que não aprova, que considera *'trash'*, como a bifurcação da língua, e também pessoas que querem 'deixar de ser humanas', passar para os outros uma imagem de um bicho, transformar-se em um réptil ou em um gato:

> [...] até eu que faço isso me assusto e falo: gente! Eu não sei pra que, não consigo entender. Tipo, eu gosto, tenho vários gatos e quero ser um gato... ah... que legal... você nasce homem, quer ser mulher, você

> vira travesti, tá, você vai, modifica seu corpo, é diferente você ta numa mesma espécie, você é mulher, não quer ser mulher, você vai ser homem. Agora você não quer ser humano, se transformar num bicho? Aí tem o gato, tem o lagarto e você fala: Meu Deus do céu, aí já ta beirando... o povo tá pirado, só internando... eu acho meio estranho, tudo tem limite. (Zuba)

Partindo desse conceito de representação adotado por alguns adeptos da *Body Mod*, podemos refletir sobre os entusiastas das práticas corporais, com intenção de passar uma mensagem maior, de cunho social, como ocorre através da *Body Art* e da arte da performance.

> "A performance é um questionamento do natural e, ao mesmo tempo, uma proposta artística. Isso não deve causar surpresas: é inerente ao processo artístico o colocar em crise os dogmas – principalmente os dogmas comportamentais." (GLUSBERG, 2009, p.58)

A Performance e a *Body Art* possuem um tom contestatório e não somente estético, como pode ocorrer com a *Body Modification*. Durante as performances, muitos artistas unem arte e vida, transformando rituais do nosso cotidiano em arte. A performance também pode causar repulsa ao público que a assiste, por trabalhar com fluidos corporais, como sangue, urina ou excrementos.

Segundo Le Breton (2003), as performances trazem questionamentos em torno da identidade pessoal e social do indivíduo, identidade sexual, as barreiras de gênero, os limites corporais, a resistência física, o pudor, a dor, a morte e a relação do corpo com objetos, entre outros.

Através do corpo, o mundo pode ser questionado, em vez de mostrar o corpo ideal, belo, apresenta-se o que é considerado abjeto ou que transmita horror. "O realce das matérias corporais esboça uma dramaturgia que não deixa os espectadores ilesos e em que o artista paga com sua pessoa, pelo corpo, sua recusa dos limites impostos à arte ou à vida cotidiana." (p.45)

> "O denominador comum de todas essas propostas era o de desfetichizar o corpo humano – eliminando toda exaltação à beleza a que ele foi elevado durante séculos pela literatura, pintura e escultura – para trazê-lo à sua verdadeira função: a de instrumento do homem, do qual, por sua vez, depende o homem. Em outras palavras, a *body art* se constitui numa atividade cujo objeto é aquele que geralmente usamos como instrumento." (GLUSBERG, 2009, p.42/43)

Percebemos então que na arte performática, o uso do corpo como matéria prima não implica em somente explorar suas capacidades, seus limites, mas também em transmitir aspectos individuais e sociais ao seu público, sendo o próprio artista seu objeto de arte.

A *Body Art* e a *Body Modification* podem estar ligadas ao trabalhar o corpo na arte, manipulando-o, testando seus limites e modificando-o. Segundo Henrietta Moore (apud BRAZ),

> "tanto a *Body performance* quanto a *body modification* nos fornecem exemplos de práticas discursivas que levantam a questão de escolhas voluntaristas ('individuais') e da utilização do corpo como mecanismo para a construção e a administração da (auto)identidade. Artistas e comentadores de ambos os universos os interpretam, frequentemente, como tentativas de 'transcender' o corpo e criar a 'diferença'". (p.23)

A Performance é um campo vasto, onde estão incluídas as artes do teatro e da dança, todas envolvendo o corpo, porém de formas diferentes. Para alguns estudiosos e performers, a *Body Art* ligada à performance é a que envolve os limites do corpo, ou mesmo os limites do espectador, não apenas uma atuação. É aquela que envolve o individual do artista e seus espectadores, na qual ambos se expõem, o primeiro através da obra e o segundo transmitindo sua sensação ao presenciar o evento.

A *Body Art* possui então um tom pessoal, autobiográfico, mostra o pensamento do artista. "O indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ao criar 'narrativas próprias' que contenham sua compreensão do próprio passado, presente e futuro." (CRANE, 2006, p.37).

Segundo René Berger (apud GLUSBERG, 2009) nota-se que através das performances:

> "o corpo, se não chega a se vingar, aspira ao menos escapar da sujeição do discurso, que é um prolongamento de sua sujeição ao olho. Não somos e nunca fomos criaturas falantes ou criaturas visuais: nós somos criaturas de carne e sangue. Tampouco somos alvos para tiros, que é ao que nos reduz o discurso da propaganda de massa e da publicidade.
>
> De tal forma que a performance e a *body art* devem mostrar não o *homo sapiens* – que é como nos intitulamos ao alto de nosso orgulho – e sim o *homo vunerabilis*, essa pobre e exposta criatura, cujo corpo

> sofre o duplo trauma do nascimento e da morte, algo que pretende ignorar a ordem social." (p.46)

Breve histórico da Body Modification e da Performance

Ao pensar modificação corporal, não podemos falar somente de tatuagens, *piercings* ou cirurgias plásticas. Muitas práticas que modificam o corpo são usadas em culturas diversas e desde tempos remotos. Podemos citar alguns exemplos, como os *corsets* usados para modelar a cintura da mulher, os sapatos chineses que mantém os pés pequenos ou mesmo as argolas usadas no pescoço das mulheres girafa.

De acordo com Valerie Steele, em seu livro *Fetiche: Moda, sexo e poder*, ao acessórios fetichistas receberam destaque em um artigo do *Cosmopolite* de 13 de maio de 1911, que dizia: "A cintura com espartilho, o salto alto e a prática do *body piercing* eram três dos fetiches mais procurados." (p.60)

Fazer um histórico da arte performática é também bastante complicado, pois não há um marco que defina a origem desse tipo de manifestação artística. Algumas ações ocorreram durante o futurismo e Marinetti era seu maior representante.

> "Marinetti chegou a escrever um manifesto sobre "O prazer de ser vaiado", como parte de Guerra: A única higiene (1911-15). Os futuristas devem ensinar todos os escritores e *performers* a desprezar o público, asseverava ele." (GOLDBERG, 2006, p.4)

Junto com outros artistas, Marinetti publicou o Manifesto Técnico da pintura futurista, produzindo algumas das idéias do manifesto original sobre velocidade e amor ao perigo, provando como é possível aplicar à pintura um manifesto teórico.

Na década de 20, Marcel Duchamp raspou seu cabelo em forma de estrela, mostrando que artista e obra se fundem em uma mesma realidade, e que o próprio artista pode ter a presença estética, ser a própria tela.

Ainda na década de 20, Duchamp se deixa fotografar como mulher. *"Rrose Sélavy,* transformando em arte a experiência da encenação do sexo oposto." (SANTAELLA, 2003, p.253). Para Glusberg, uma das primeiras

performances ocorreu na década de 60, Yves Klein, com seu *Salto no vazio*. Para ele, a arte da performance vem da *Body Art*, que explorava o corpo do artista de forma autobiográfica, sem interpretar um papel.

Em 1931 no Brasil, Flávio de Carvalho realiza uma performance na região central de São Paulo, andando no sentido oposto a todos e ainda, vestindo uma boina, o que era inaceitável para os fiéis. Flávio de Carvalho estudava o comportamento humano, a reação diante de situações extremas, como esta, denominada 'Experiência n° 2.

Ele quase foi linchado pelos fiéis e as impressões que teve sobre este episódio podem ser vistas no livro de mesmo nome. Flávio chamava as performances de experiências, dando assim ao termo um caráter exploratório maior, mostrando que ele busca ainda pesquisar sobre o assunto. Nesse caso, a intolerância religiosa.

Na exposição sobre Flávio de Carvalho no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ocorrida em março e abril de 2010 havia desenhos feitos pelo próprio Flávio que retratavam as pessoas presentes nessa manifestação de forma bastante caricata, todos presentes no livro *Experiência n°2*, do próprio artista.

No período da segunda guerra mundial a tatuagem era utilizada como forma de diferenciação e de exclusão social. As ditas minorias, ao chegarem no campo de concentração, eram marcadas por um número tatuado em seu antebraço, para mostrar-lhes o pertencimento à escória social.

Na década de 50, a *Action Painting* de Pollock é quem chama a atenção na arte performática, já que através dela, o pintor que rompe com padrões da pintura, derrama tinta em vez de passá-la com pincel e caneta.

> "Trinta anos mais tarde, ao colocar grandes telas no chão, lançando sobre elas não apenas tinta, mas toda a energia do seu corpo, Jackson Pollock transformou o ser inteiro do artista em parte de seu trabalho."(SANTAELLA, 2003, p.253)

Para Alan Kaprow, o artista deve passar da expressão corporal na pintura somente, para trabalhar com os outros sentidos, visão, som,

movimentos, odores. A lista de materiais se expande, não tendo limites para a nova arte, o *happening*.

O *Happening* ocorre sem ensaios, com idéia de produzir efeitos de deslocamento. Kaprow diz que "um *Happening* não pode ser reproduzido" e que "as linhas entre arte e vida devem ser mantidas tão fluidas e talvez tão indistintas quanto possível." (ibid, p.254)

Na Europa, movimento semelhante já ocorria: o *Fluxus*, que contou com a adesão de artistas, cineastas e músicos, como John Cage. O *Fluxus* era um movimento antiarte, já que ele não era propriedade de nenhum museu e galeria. Hoje, a performance já pode ser adquirida por museus[1].

Fluxus tinha uma conotação social, pensando no coletivo. "Centralizavam-se no corpo como principal meio de interrogação das condições mesmas nas quais os indivíduos interagem para produzir significados sociais." (ibid, p.255)

> "A arte Fluxus não leva em consideração a distinção entre arte e não arte, não leva em consideração a indispensabilidade, a exclusividade, a individualidade, a ambição do artista; não considera toda pretensão de significação, variedade, inspiração, trabalho, complexidade, profundidade, grandeza e institucionalização.Lutamos, isso sim, por qualidades não estruturais, não teatrais e, por impressões de um evento simples e natural, de um objeto, de um jogo, de uma gag. Somos uma fusão de Spike Jones, vaudeville, Cage e Duchamp". (Manifesto Fluxus apud GLUSBERG, 2009, p.38)

Ambos os movimentos, *Happening* nos Estados Unidos e *Fluxus* na Europa, traziam a proposta do Dadaísmo de unir arte e vida, trazendo aspectos cotidianos para a arte.

Também nesse período no Brasil, é lançado o manifesto neoconcreto, que pensava a arte não mais como objeto, mas como um 'quase-corpo'. Durante esses anos, no Brasil, segundo Aguinaldo Farias (apud DARRIBA):

---

[1] Ao assistir uma palestra no MAM-SP, como participante do curso de formação de educadores para a 29° Bienal, soube que o museu já possui uma performance em seu acervo. Esse tema gera grande discussão, afinal a performance agora só pode ser encenada lá, em datas específicas, o que foge completamente da idéia inicial do que seria uma performance, espontânea e com intenção de passar uma mensagem ao público.

> "a arte apostou numa relação mais próxima com o público, e para isso foi estratégico o revigoramento do binômio arte-política. A arte estava duplamente preocupada em efetuar a crítica de um país que se urbanizava avassaladoramente e em romper o amordaçamento coletivo da expressão promovido pela ditadura militar, instituída por um golpe em 1964. Foi em nome disso que as obras abertas à manipulação chegaram aos museus e galerias junto com a busca de lugares alternativos e de outros materiais e suportes expressivos: um fluxo de novidades que punham em xeque a natureza e o papel da arte, de seu circuito, do aparato institucional que a legitimava e a veiculava." (p.03)

Pensando em obras que incluam a participação do público, podemos citar Hélio Oiticica com os Parangolés e Lygia Clark com seus objetos relacionais. Ambos não são *performers*, mas serviram de influência para os novos artistas, por trabalhar suas obras com a participação do público.

> "Os 'objetos relacionais' e as 'esculturas para vestir' de Clark visavam se dirigir ao estado psíquico do espectador. Os parangolés de Hélio Oiticica eram capas para vestir, objetos transformáveis feitos para serem incorporados ao corpo e à personalidade da pessoa que interagia com eles. Cada uma dessas capas tinha uma estrutura e personalidade diferente, usualmente inspirada em um indivíduo particular. Elas não eram um objeto, mas um processo de busca, abertas a sensibilidade participativa do espectador." (ibid, p.256)

Flávio de Carvalho, em 1956 faz uma nova performance que lembra muito os *happenings* norte-americanos, ele a chama de 'experiência n°3. Para tal, cria o *New Look*, que seria uma roupa adequada para o homem dos trópicos, já que no Brasil, muitos homens usavam terno durante o nosso verão muito quente.

Nas ruas do centro novamente, Flávio desfila o *New Look* que consiste em saias, meias e camisa de manga bufante, atitude essa que questionava os padrões e amarras institucionais de nossa sociedade tradicionalista.

Durante a década de 60 na Europa, juntamente com inúmeros movimentos sociais e de contracultura, a arte da performance toma corpo e apresenta seu lado mais contestatório. O corpo do artista torna-se palco de protesto político, ideológico, estético e existencial.

Como exemplo, tomemos o grupo de Viena, o Wiener Aktionismus formado por Hermann Nitsch, Otto Mühl, Gunter Brüs e Rudolf Schwarzkogler.

Seus trabalhos quebravam tabus sociais e trabalhavam com práticas de automutilação e auto-sacrifício. Santaella (2003) relata duas performances deste grupo:

> "Na sua performance *Pissaction* (1969), apresentada publicamente em um palco, Mühl de pé e nu urinou na boca de seu colega Brüs, sentado, também nu, à sua frente. Convidado para participar de um encontro sobre a posição da arte no capitalismo tardio, na Universidade de Viena, em 1969, Brüs, por sua vez, se colocou de pé sobre uma cadeira no palco, de frente para a audiência. Tirou toda a sua roupa, só restando as meias. Depois de cortar seu peito e fêmur com uma gilete, ele urinou em um vidro e bebeu a urina. Também defecou e espalhou fezes pelo seu corpo. Então deitou no chão e se masturbou enquanto cantava o hino nacional vienense. Foi preso logo a seguir por degradar os símbolos do Estado e teve de se exilar em Berlim para escapar de uma sentença de seis meses de prisão." (p.259)

Na década de 60, a modificação corporal, paralelamente com a revolução sexual, traz um interesse por acessórios fetichistas, algumas práticas como sadomasoquismo e voyeurismo. No corpo usam-se acessórios como roupas de couro, transparências, *piercings* e tatuagens.

Em 1970, o teatro brasileiro trabalha com experimentações cênicas e ainda resiste contra as imposições do regime ditatorial. Como exemplo, temos o Teatro Oficina que em 1970 propôs uma parceria com o *Living Theatre*, e logo eles saíram do espaço teatral para atuar nas ruas e não ficarem tão submetidos às imposições da censura.

Executam uma performance intitulada 'Favela' que consistia em envolver o cotidiano dos moradores à atuação dos atores. Foram presos e expulsos do país. O *Living Theatre* apresentou muito da experiência vivida no Brasil em suas obras posteriores. Como relata Darriba, "Em 1973, apresentaram, nos EUA, "Sete Meditações sobre o Sado-Masoquismo Político", performance baseada em cenas de tortura presenciadas e vividas enquanto estiveram presos no Brasil" (p.04)

Outras performances se destacam no Brasil, na década de 70. Outro exemplo é o de Antonio Manuel, que inscreveu seu próprio corpo como obra no XIX Salão Nacional de Arte Moderna. Após a recusa de seu trabalho, o artista

se coloca nu nos corredores do evento, sua performance, *Corpobra* se mostra um exercício de liberdade diante do regime vivido.

Outros trabalhos de cunho político são importantes no Brasil durante a ditadura militar. Artur Barrio, com sua *Situação T/T1* embrulhava pedaços de carne em trouxas e abandonava pela cidade, fazendo referência aos crimes dos militares.

Cildo Meirelles com Inserções em *Circuitos Ideológicos* transmite mensagens políticas através de itens de uso cotidiano e de alta circulação, tais como cédulas monetárias e garrafas de coca-cola.

No cenário internacional, a agora *Body Art*, consistia em o corpo não ser mais tão importante quanto o que é feito com ele. A *Body Art* é muito mais pessoal e biográfica que a performance e nela aplica-se o uso de outros materiais, como o vídeo:

> "A performance de Barry Le Va, *Velocity Piece* 1 e 2 (1969, 1970): ao correr de um lado para o outro de uma sala, batendo violentamente seu corpo contra duas paredes a uma distância de 15m uma da outra. Essa ação durou até sua resistência se esgotar. Um equipamento estéreo gravava os sons de seus movimentos no espaço, ao mesmo tempo em que sua atividade ficava visualmente registrada nas manchas de sangue com que seu corpo marcava a parede." (SANTAELLA, 2003, p.258)

Os trabalhos femininos começam a ganhar destaque, e elas exploram a diferença corporal que possuem diante dos homens. Elas trabalhavam a "nudez e o abjeto sob o ponto de vista da ação e do olhar femininos". (ibid, p.263).

Um exemplo dessas artistas é Carolee Scheneemann que, insipirada por autores como Simone de Beauvoir e Wihelm Reich, explorou o erotismo e as questões de gênero, tratando o papel feminino na sociedade.

Em *Interior scroll* Scheneemann fica nua em pé sobre uma mesa, retira da vagina um estreito e comprido rolo de papel com texto de autoria própria sobre sua percepção dessa parte íntima da mulher. A performance consiste na leitura desse material.

A artista plástica Orlan, que realiza cirurgias plásticas, reconstruindo o corpo, chamando a atenção do espectador para os múltiplos processos cirúrgicos aos quais algumas pessoas se submetem para alcançar o corpo ideal.

Ela trabalha com a transformação corporal não para atingir esse objetivo, mas para trabalhar o corpo maleável, registrando sobre ele suas fantasias e seus desejos, tal qual uma escultura, e inspirado em formas ligadas à história da arte, sem medo de transformar inclusive seu rosto.

> "Orlan desvia para seu uso pessoal, sem referência à enfermidade ou ao sofrimento moral, uma cirurgia que se presta às suas fantasias – a tarefa não é aumentar sua sedução, nem lutar contra o envelhecimento ou corrigir uma imagem desacreditada de si, mas apenas experimentar os possíveis corporais, assumir uma carne de segunda mão, maleável e desejada como tal, à maneira de uma roupa emprestada de um guardarroupa infinito. (LE BRETON, 2003,p.47)

Para T. Angel o trabalho de Orlan é o maior exemplo de *Body Modification* inserida no contexto da *Body Art*, devido as cirurgias plásticas que ela realiza. O trabalho inicial da artista consistia em trabalhar com fluidos corporais e com seus 'humores orgânicos', como nos mostra Le Breton (2003):

> "Transforma o lençol dado por sua mãe para o enxoval de casamento em cama de seus muitos amores que o maculam, nele imprimindo os vestígios do desejo; ela os compila com marcadores, lápis, bordados, etc. Em seguida expõe esse recalcado do corpo erigindo a intimidade em local de publicidade. As manchas de esperma de seus amantes, às vezes misturadas com sangue de sua menstruação, formam a trama da obra. O corpo é material; se é templo, é apenas para profanação." (p.46)

Outra *performer* reconhecida é Marina Abramovic, que trabalha com os limites do corpo, seu próprio corpo, como também envolve a participação do espectador, testando o público e as ações que os mesmos conseguem ter.

Uma performance de Marina que obteve grande repercussão foi *Rhythm 0*. Nela, a artista se coloca ao lado de uma mesa com diversos objetos de provocação: uma arma, uma bala, uma serra, um garfo, uma escova, um chicote, um batom, um vidro de perfume, tinta, facas, fósforos, uma pena, uma

rosa, uma vela, água, correntes, pregos agulhas, tesouras, mel, uvas, gesso, enxofre e azeite, entre outros objetos e materiais. Um texto escrito na parede dizia: “Há 72 objetos na mesa que podem ser usados em mim como desejados. Eu sou o objeto.”[2]

Esta performance foi encerrada pelo museu quando um dos espectadores apontou a arma em direção à artista. Ocorrência que só traz mais questionamentos à obra. Antes desse fato, as pessoas despiram Marina, pintaram, usaram os outros instrumentos contra ela.

Em sua mais recente performance The *artist is present*, apresentada no MoMa, Marina permanece durante o horário de funcionamento do museu sentada, presente, e convida o espectador a ficar ali com ela, o que desperta diversos tipos de sensações e testa quanto tempo a pessoa agüenta permanecer lá.

Ao falar sobre mulheres importantes no campo da performance, não podemos nos esquecer de Marcia X no Brasil, que explora relações entre arte, erotismo e religião. Na performance *Desenhando com terços* a artista “desenha” imagens de pênis utilizando-se de terços. Após sua morte, um registro fotográfico dessa performance seria exibido na exposição *Erotica, os sentidos na arte* no CCBB, porém o próprio centro cultural censurou a obra.

Também na década de 70, a moda começa a ter destaque e exigir, além das roupas, um estilo, a atitude que condiz com o que se veste. As modelos começam a ficar macérrimas, e isso influencia muitas mulheres. O culto à magreza traz a bulimia e a anorexia. Populariza-se o uso da combinação jeans e camiseta.

Logo após, o movimento punk começa a se fortalecer. Eles possuíam um visual agressivo, repleto de elementos associados ao sadomasoquismo, roupas de couro e pretas, correntes, coleiras, cadeados e alfinetes. Zuba se lembra de amigos que faziam furos com alfinetes no corpo.

---

[2] Disponível em: http://www.scribd.com/doc/8665323/O-Ataque-Ao-Corpo-Na-Body-Art- acessado no dia 14/05/2010

Também na década de 70, Fakir Musafar faz sua primeira apresentação pública em São Francisco. Em 1973, Jim Ward funda a revista *Piercing Fans Internacional Quartely*. Nesse período a tatuagem também começa a sair da clandestinidade.

Na década de 80 a arte começa a retornar às origens da pintura e escultura, e também volta a ser tida como objeto de consumo. As ações nesse período nos remetem mais à valorização do consumo e do mundo da moda, que começa a ditar regras. Aumenta o uso de recursos como o vídeo e a fotografia.

Cindy Sherman discute as questões dessa sociedade consumista e da indústria da moda, que traz um padrão ideal de corpo e modo de se vestir:

> "Virando do avesso os espetáculos da moda, Sherman desvela o nada glorificado das figuras femininas. Através da construção de corpos monstruosos e abjetos, ela nega todo o consumo de mercadorias relacionadas ao corpo, em algumas fotos, chegando até o extremo de negar o próprio alimento como mercadoria." (SANTAELLA, 2003, p.266)

A questão identitária também começa a aparecer nesse período, discutindo o vazio da sociedade, o individualismo e buscando sempre responder a pergunta 'quem somos'? Pipilotti Rist discute os mistérios da identidade:

> "No seu vídeo *I AM not the girl Who misses much* (1986), Rist dança freneticamente em frente da câmera enquanto repete as palavras do título. Na medida em que seus movimentos vão ficando mais e mais grotescos, sua crítica inicialmente hilariante da MTV vai se transformando em um comentário mordaz da degradação do corpo feminino na cultura popular." (ibid, p.267)

No Brasil na década de 80, a reabertura política possibilita uma profusão de novas atividades artísticas e alguns incentivos como os eventos: "II ciclo de performances no Sesc de São Paulo e o VI Salão Nacional de Artes Plásticas – INAP/Funarte no Rio de Janeiro que, segundo Darriba, conferiu o prêmio Gustavo Capanema especial para performance ao artista José Eduardo Garcia de Moraes, nome indispensável ao falar sobre arte contemporânea brasileira.

O uso de novos materiais no Brasil aparece nos trabalhos de Guto Lacaz, que trabalha com aparelhos elétricos em um espetáculo multimídia

repleto de efeitos especiais. Esse exemplo mostra como durante esse período a relação arte e tecnologia é explorada pelos artistas.

No campo da modificação corporal, a tatuagem vem acompanhada do *piercing* nesse período. De acordo com Pires (2005), em 1989, a publicação do livro *Modern Primitives*, que reúne entrevistas de pessoas que possuem e realizam modificações corporais, contribui para o crescimento da aceitação e do número de pessoas que fazem essas práticas.

Década de 90. Ainda contestamos algo? Opiniões divergentes sobre o mesmo tema

A década de 90 no Brasil é marcada por períodos de turbulência política e econômica, culminando no protesto dos 'caras pintadas', bastante discutido devido a uma possível alienação política dos jovens da época. Houve muitos questionamentos se estes jovens eram realmente engajados ou foram influenciados mais uma vez pela mídia. Podemos citar como exemplo a minissérie 'Anos Rebeldes' da Rede Globo, que rememorava os movimentos estudantis no período da ditadura militar de maneira heróica.

O presidente Fernando Collor de Melo sofre o impeachment em 1992, após a ocorrência de protestos:

> Em julho uma pesquisa de opinião nacional dava a Collor uma taxa de "não confiança" de 69%. Quase o mesmo número achava que ele deveria renunciar a presidência. A Câmara dos deputados votou esmagadoramente (441 a 38) pelo impedimento do presidente em 29 de setembro de 1992. O Senado reuniu-se e preparou-se para condenar o presidente em 29 de dezembro de 1992. A votação do Senado foi contra Collor (76 a 5), como era esperado. Apenas horas antes de o Senado votar, Collor renunciou, esperando assim escapar ao estágio final da condenação legislativa. Mas o Senado não se deteve e suspendeu os direitos políticos de Collor por oito anos. [...]Foi um momento histórico. Pela primeira vez, um presidente brasileiro fora removido do cargo, não por golpe ou ultimato militar, mas por votação pacífica no Congresso. (SKIDMORE, 1998 p. 308)

Seu vice, Itamar Franco assume o poder até 1994, quando entra Fernando Henrique Cardoso, que pensa em um novo plano econômico o Plano Real, reformulando a economia nesse período.

A década de 90 é marcada por movimentos sociais isolados, tais como ONGs, movimentos de combate a AIDS, de auxílio a comunidades carentes; porém não há mais uma grande movimentação política como a vista no período ditatorial. Como nos mostra SOUZA (1999):

> A primeira eleição direta para a Presidência da República depois da ditadura militar mobilizou a sociedade brasileira como um todo e concentrou suas esperanças no rompimento do autoritarismo militar e na consolidação da transição política. (SOUZA, 1999 p.92)

A partir daí pode-se perceber uma diferença no pensamento da juventude brasileira, que não protesta mais contra o Estado, antes visto como instituição única e cobrado constantemente no que diz respeito a mudanças. Neste período, instaura-se uma política e cultura individualista; há grande decepção no que diz respeito a movimentos políticos, iniciada pela derrota de Luís Inácio Lula da Silva para Fernando Collor. Culturalmente, a juventude continua engajada, porém de forma mais heterogênea:

> Na condição de uma juventude produtora (e consumidora) de cultura temos exemplos de algumas realizações como: rádios e jornais comunitários, *fanzines*, produção em vídeo, encontros de saraus literários, dança de rua, coral, alfabetização, teatro popular, atuação em partidos políticos, grêmios estudantis, movimentos ecológicos, movimentos contra a violência, pela cidadania, campanhas contra a fome, associação de moradores, etc. (CARMO, 2001 p. 261)

Na cultura e nas artes percebemos grande influência da arte de rua, o axé faz um tremendo sucesso, consolidando no cenário musical brasileiro bandas como É o Tchan, com suas coreografias ensaiadas e em seguida, dando abertura depois ao *Funk*, ritmo carioca que ganha o cenário brasileiro também com letras que remetem a temas como sexo e desvalorização da mulher e coreografias ensaiadas.

Com a globalização continuamos a ser bombardeados por cultura estrangeira, em especial norte-americana e inglesa. Na música adolescente o

ritmo em voga era o pop, com as *boy bands* e suas letras românticas e coreografias ensaiadas. No cinema o sucesso de grandes produções como *Titanic* apareceram no cenário brasileiro, além dos seriados, conhecidos como enlatados.

Notamos durante esse período um consumismo muito grande, depois que as pessoas se sentem seguras para gastar novamente, devido ao fim da inflação, com a nova moeda se equiparando ao dólar, e às muitas facilidades de pagamento, muitas pessoas viajaram para o exterior.

A mídia contribui para esse consumismo exacerbado, é o período de consolidação das grandes marcas e da publicidade. Alguns produtos ficam conhecidos devido aos comerciais:

> [...] a publicidade e consumismo, que, fortalecidos pela desregulamentação dos mercados, pela revolução nas comunicações e pela concentração de renda, se tornaram a ideologia por excelência das sociedades neoliberais e o estofo de ilusões que veio a preencher o vazio do pensamento único". [...] A artista norte americana Barbara Krugman resumiu brilhantemente este estado de espírito definidor dos novos tempos, transformando a mai famosa máxima da filosofia num slogan – típica técnica publicitária – que se tornou o credo das camadas emergentes: "Eu consumo, logo existo!"(SEVCENKO, 2001 p.47)

As pessoas nesse período consomem principalmente por status, para inserir-se em contextos sociais. Percebe-se a padronização da moda e do que é considerado *in*. Também nesse período a valorização do corpo malhado, sarado é concebida e "[...] numa sociedade onde o corpo malhado apresenta-se como objeto de adoração e classificação, não possuí-lo é não estar inserido." (BERGER, 2006, p.63)

Devido a essa padronização, e a estética imposta no período juntamente com os avanços tecnológicos e na medicina, inicia-se o boom da cirurgia plástica no Brasil. "[...] Em geral, à medida que as redes sociais dos indivíduos se expandem, ou que seus contatos se tornam mais variados, ele é exposto a novas formas de cultura e torna-se propenso a adotá-las [...]". (CRANE, 2006, p.33).

Nesse período há uma super valorização da juventude, este culto ao corpo, o medo que as pessoas adquirem de envelhecer e mostrar as marcas que a idade traz faz com que elas se submetam a diversas cirurgias plásticas no rosto também. Coutrine (apud. Berger, 2007) nos traz um pouco desse contexto:

> "obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter a tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado, franzino, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima" (p.10)

Cria-se uma necessidade de sensações neste período, as pessoas vêem-se em uma sociedade que não as satisfaz mais, onde tudo já foi testado, sentindo-se então solitárias e infelizes. O desafio do capitalismo é criar um novo nicho de mercado, que trará estas sensações às pessoas. Desde então começamos a pagar para sentir, para identificar-se com algo, ou seja, para inserir-se em si mesmo.

> Você sabe por que a televisão, a publicidade, o cinema e os jornais defendem os músculos torneados, as vitaminas milagrosas, as modelos longilíneas e as academias de ginástica? Porque tudo isso dá dinheiro. Sabe por que ninguém fala do afeto e do respeito entre duas pessoas comuns, mesmo meio gordas, um pouco feias, que fazem piquenique na praia? Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer para os participantes. O prazer é físico, independente do físico que se tenha: namorar, tomar *Milk-shake*, sentir o sol na pele, carregar o filho no colo, andar descalço, ficar em casa sem fazer nada. Os melhores prazeres são de graça [...] Mas vivemos num mundo onde relaxar e desligar-se tornou-se um problema. O prazer gratuito, espontâneo, está cada vez mais difícil. O que importa, o que vale, é o prazer que se compra e se exibe, o que não deixa de ser um aspecto da competição. Estamos submetidos a uma cultura atroz, que quer fazer-nos infelizes, ansiosos, neuróticos. (LEITE, Paulo Moreira apud CARMO, 2001 p.206)

Podemos pensar em alguns grupos que iniciam com a *Body Modification* no Brasil nesse período para diferenciar-se do padrão estabelecido. Já tínhamos os punks e os roqueiros que eram adeptos da *Body Mod*, mas somente de *piercings* e tatuagens, como nos mostra Zuba que abriu o estúdio de *piercing* em São Paulo em 92:

> "[...] o público que nós tínhamos na época era um pessoal assim mais ligado a... a noite, a moda, né? Pessoal que ia pra balada, que eram

> nossos amigos e pincipalmente é... uns caras assim motoqueiros, uns caras Harley Davidson assim, que gostavam de colocar no mamilo, na orelha, no umbigo...” (Zuba, 04/02/2010)

Zuba e André Meyer são os precursores da técnica do *piercing* no Brasil, ela trouxe a técnica pra cá de Londres, onde morou de 1990 a 1992, e antes desse período ela se lembra dos punks que perfuravam o corpo com alfinetes e não de maneira adequada.

> “Eu tinha um amigo punk em 87, nossa ele enfiava alfinete em cada lugar, ele era todo marcado, assim, porque cada vez ele enfiava alfinete em um lugar e deixava, e aquilo lá apodrecia né? Inflamava aquele ferro, e tirava, aí ficava tudo marcado, aquele retardado (risos).” (Zuba, 04/02/2010)

A falta de profissionais e o total desconhecimento da prática do piercing no início da década de 90 aqui no Brasil é lembrada por Zuba, tanto ao relatar quando fez seu primeiro *piercing* em 1985, como quando afirma que só tinham dois profissionais em São Paulo, e o restante era aluno deles.

> “Então... aí eu fiz... aí um... acho que foi em 89, 88 por aí, eu encontrei um rapaz na rua que esqueci o nome dele, e ele falou “Nossa que legal seu *piercing*!” aí eu falei: *piercing*? Ele: “é, isso aí se chama *piercing*”, falei: “ah é?, hmmm não sabia.” Ele: não, é que eu moro na Europa, não sei o que tal tal tal... e passou. Quando eu fui pra lá que eu fiquei pouquinho tempo, uns 5 meses só, eu achei... eu adorei, amei, falei “é isso que eu quero fazer, aí eu voltei pra cá, comecei a fazer e em mim depois desse do nariz eu fiz o da orelha, e só. Aí depois de uns anos eu comecei a ter alunos, comecei a ensinar, porque na época não tinha ninguém que fazia *piercing*, tinha eu, o André Meyer e só.” (Zuba, 04/02/2010)

Para Zuba, o Mercado Mundo Mix foi um dos maiores responsáveis pela expansão das técnicas de modificação corporal presentes, o Mundo Mix e a noite paulistana divulgaram a prática do *piercing* em São Paulo. E os *clubbers* e *cybers*, que também são grupos que se diferenciavam do padrão imposto no período, são os destaques desse período.

> “Então, na verdade eu acho que... na época eu tinha aqueles clientes daquele pessoal, tanto é que eu fazia muito *piercing* em casa noturna, lembro que tinha aquele *Hell`s Club* no Columbia, lembro que eu ficava tipo num palquinho fazendo *piercing*, na época tinha aquele pessoal do Hell`s mesmo, o Maumau que tocava e eu fazia *piercing* nessa galera. Depois, teve... começou o mercado mundo mix, em 94 e aí eu fui convidada a fazer mercado mundo mix, eu acho que o

> mercado mundo mix foi o grande responsável por esse *boom* do *piercing*, como por outras coisas também, essa coisa *clubber* da época, que veio...” (Zuba, 04/02/2010)

Não só para a *Body Modification*, como também para a moda, o Mercado Mundo Mix foi de extrema importância, lançando nomes que hoje são os estilistas mais importantes da moda brasileira, como Alexandre Herchcovitch. Com estes estilistas novos e idéias diferenciadas importadas dos estilistas estrangeiros a moda passa a ter um caráter efêmero, e nada prevalece por muito tempo.

> Moda e mídia associadas buscam romper os tabus, denunciar os preconceitos, liberar as fantasias, modificar os costumes, deixar evidente a existência de ambigüidades – inclusive a ambigüidade identidade/homogeneização implícita no próprio processo da moda. (PIRES, 2005, p.82)

T.Angel comprova a importância do Mercado Mundo Mix ao relatar que seu primeiro *piercing* foi feito após uma visita ao mesmo em 1997, quando ele tinha 15 anos e iniciou seu processo de modificações corporais:

> “Todo mundo começa com um *piercing*, e é muito engraçado, porque eu não pensava nem em furar a orelha, não achava legal assim né? Paga a língua hoje (risos) (Thiago mostra seu alargador de 32 mm) e aí eu furei logo o lábio assim... E puxa foi uma experiência muito bacana que eu tive no mercado mundo mix, eu fui uma vez assim, meu irmão me levou, aí pra mim foi um universo novo aquilo, sabe? De possibilidades, de novidade, de experiência, de laboratório, tudo assim... E aí eu saí de lá, já foi pra fazer alguma coisa.” (T. Angel, 16/04/2010)

Na segunda metade dessa década, o *piercing* já não era a única técnica de *Body Mod* presente, tornando-se popular entre os jovens, nesse período um interesse maior sobre o assunto aparece, tendo matérias sobre o *piercing* em revistas, jornais e programas de televisão.

As técnicas agora discutidas são outras, como escarificação que pode ser obtida através de incisões – *cutting* – ou de queimaduras – *branding* – o *pocketing*, técnica que fica entre o *piercing* e o implante e o próprio implante, *transdermal* ou *subdermal*. Zuba continua sendo a precursora dessas novas técnicas:

> "Então, eu fazia *piercing*... Depois eu tive que fazer uma outra viagem, eu fui pros EUA e lá aprendi a fazer *branding,* e o *scarification* e o implante. Aí além do *piercing* eu já fazia umas coisas e depois comecei a radicalizar a coisa, eu já tava a fim de cortar as pessoas, queimar (risos). Aí isso foi em (...) acho que em 95, 96 que comecei a fazer essa outra pegada."(Zuba, 04/02/2010)

Após a popularização do *piercing* em São Paulo, podemos perceber uma preocupação maior por parte dos profissionais, que também incentivaram os adeptos, com a higiene e certa medicalização dos procedimentos. Antes, como Zuba relata, os estúdios de tatuagem se preocupavam muito com aquele visual underground, com demônios na parede e depois estes lugares passaram a ter cara de clínica, bem branquinhos.

> "A década de 90 marca a incorporação de novos elementos na tatuagem feita em estúdio. Elementos que fazem parte de outro universo simbólico, a biomedicina. Começam a aparecer nos estúdios de tatuagem: luvas descartáveis de uso único, máscaras cirúrgicas, procedimentos baseados em princípios da biossegurança e utilização de alguns medicamentos como cicatrizante após o término da tatuagem, ou mesmo pomadas anestésicas." (COSTA apud BRAZ, 2006, p.64)

Ao pensar na profissionalização nesse meio, o fato do profissional estudar mais, a preocupação com a higiene traz à tona a questão do reconhecimento da profissão, devido à banalização da mesma. Ao conversar com Zuba, pensamos sobre pessoas que nos param nas ruas do centro oferecendo tatuagens a dez reais.

Refletindo sobre essas questões, Zuba fala um pouco sobre o sindicato, como iniciou e como é hoje:

> "Então, depois desse *boom* da tatuagem, do *piercing*, depois do mercado mundo mix e tal, mais em 98 que o Leds quis fazer o sindicato, por conta disso. Porque aí muita gente começou a fazer *piercing* e tatuagem sem ter uma qualificação pra isso. Na época eu até tinha sentado com um pessoal, que era o André Fernandes, o Jairo, a gente já queria fazer um sindicato, acabou não acontecendo, a gente até chegou a fazer umas reuniões, mas... Eu até fui nas primeiras reuniões do sindicato, porque é pra isso, pra cuidar disso junto com a vigilância sanitária, dando cursos, eu cheguei até a fazer curso. Mas aí começou a não fazer as coisas, só ficou no diz que diz, no vou fazer e todo mundo dando dinheiro pro sindicato e eu não vi fazerem nada, eu saí do sindicato e vários outros também saíram. Hoje em dia eu nem sei como tá, perdi muito o contato com esse pessoal. Nem convenção eu faço mais." (Zuba, 04/02/2010)

Segundo Braz (2006), o processo de medicalização da prática da Body Modification pode vir como resposta a críticas de médicos, psicólogos, psiquiatras a respeito da mesma, que alegam um problema social o debate em torno da 'mutilação' do corpo. Ele cita um estudo de Pitts:

> "As formas de adorno mais invasivas, permanentes ou não-normativas, como *escarificação* e *branding*, têm sido socialmente problematizadas. Meu estudo de uma amostra de 35 artigos de jornal a respeito da *Body Modification* publicados entre 1993 e 1998 encontrou que a maioria deles diz respeito a essa controvérsia ou choque de valores, e que um número significativo apresenta a *Body Modification* como um problema social. Além disso, o assunto mais recorrente é que os adeptos podem estar engajando em automutilação e por isso podem ser mentalmente doentes" (p.74)

Partindo deste questionamento, podemos pensar como os praticantes vivem o preconceito na área de trabalho, afinal muitos adeptos relatam que tem dificuldade para conseguir emprego devido às marcas corporais, além do preconceito social ou dentro da própria família.

Zuba nos mostra que quem realizava modificação naquele período eram as pessoas que trabalhavam na noite ou então alguns médicos, porém de forma escondida, para não interferir no trabalho. Quanto a ela, não relata nenhum tipo de preconceito, já que sempre atuou em áreas nas quais a *Body Mod* era mais aceita.

Já T. Angel relata um episódio pessoal de preconceito em ambiente de trabalho e em casa, por ser de família religiosa. E hoje também trabalha com performance e *Body Modification*.

> "Meu pai não permitia livro e TV em casa, era bem tenso assim... Então não teve uma coisa tipo de incentivo. Eu queria fazer, e isso é machismo também, eu queria fazer tipo... dança. Não, você vai fazer kung fu. Eu quero fazer pintura... Não não, você vai fazer karatê, sabe? Tudo tipo, a coisa do menino e da menina, a arte muito como uma coisa, tipo, sei lá, inexistente dentro de casa. Então foi muito iniciativa própria mesmo assim, de gostar mesmo, de nascer com a coisa e ir atrás e gostar..." (T.Angel, 16/04/2010)

Berger, em seu estudo sobre tatuagem (2007), aborda a questão do preconceito, e relaciona a imagem que as pessoas têm de tatuados a pertencentes de grupos de risco, como presidiários ou portadores do vírus HIV.

> "Na nossa sociedade, a tatuagem é um dos principais indicadores de alguns grupos sociais e é altamente refutada e mal-vista por outros grupos no interior dessa mesma sociedade. Só para citar um exemplo, quando uma pessoa resolve doar sangue em qualquer hospital ou banco de sangue, tem primeiro que responder um extenso questionário que mapeia, além de doenças que possam ser transmitidas pelo sangue, padrões de comportamento que possam indicar pertencimento a grupos considerados de risco pela sociedade mais ampla. Pergunta-se, entre outras coisas, se a pessoa porta alguma tatuagem. Se a resposta for positiva, as perguntas seguintes abordam se a pessoa já manteve relacionamentos sexuais-afetivos com pessoas que tenham tido passagem pela polícia, com homossexuais ou se tem AIDS[...]" (p. 15)

A tatuagem que traz no corpo uma marca social, como vimos no estudo de Berger, remete-nos ao período do holocausto, quando cada judeu recebia um número no braço para identificá-lo, separando assim as raças. Uma marca social que alguns sobreviventes carregam até hoje, marca essa também do preconceito.

A tatuagem de prisão é muito utilizada até hoje, o procedimento é feito com agulha e caneta e marca um período do preso, marca algumas vezes símbolos que remetem a gangues e facções da qual ele faça parte. O simbolismo também está presente na tatuagem de cadeia, como por exemplo, o palhaço que simboliza 'matador de polícia'. Devido a esses contextos, ainda a tatuagem é vista como sinônimo de marginalidade por muitos.

Ao falar de preconceito, T.Angel reflete sobre a sociedade capitalista e o padrão de trabalhadores que a mesma pretende ter:

> "Eu sofri um monte de preconceito, poxa, ah vou discutir capitalismo agora? (risos). Mas é verdade, não tem como não falar, é o sistema do capital, eles querem pessoas iguais, para desempenhar funções que as pessoas não pensem, não questionem. E não sei se assusta de repente chegar um corpo diferente, e de repente, sei lá, a empresa por pensar que pessoa tem um corpo diferente, ela vá ser uma pessoa diferente, vai ser, não tem jeito. Eu acho que o preconceito já nasce daí, do capital querer pessoas iguais assim, que não questionem nada, fantoches."
>
> "[...] se for pensar só na tatuagem nos anos 80, 90, era muito pior... tinha que esconder mesmo. E se vissem no exame médico, você era reprovado, e se descobrissem depois você era mandado embora.

> Porque era ligado à marginalidade e blábláblá. Hoje a tatuagem em si não, ela já é aceitável, as outras modificações já não. Você até pode conseguir emprego mas é subjugada a capacidade intelectual, profissional, meu caráter, tudo." (T.Angel, 16/04/2010)

A fala de T.Angel nos rememora ao pensamento de Foucault em sua Microfísica do poder (1979), trabalhamos o corpo através do exercício do poder, de obter controle sobre o que deveria ser livre, individual. O próprio corpo vai na contramão do poder, então temos, o prazer contra a moral do casamento e do pudor, a saúde contra a economia.

Para Foucault, o auto-erotismo, reprimido no século XVIII através de vigilância com as crianças, essa perseguição aos corpos traz um desejo maior de conhecer o próprio corpo, já que era assunto tão vigiado e proibido. Então o poder responde expondo o corpo. Como hoje percebemos mulheres nuas na televisão, uma exploração do sexo uma comercialização deste corpo nu, porém bonito, bronzeado, torneado.

Percebemos como o sistema que vivemos nos impõe uma estética, a imagem da pessoa bem sucedida com certeza não é da pessoa com o corpo repleto de modificações. Hoje há a banalização do sexo, porém a imagem corporal mostrada ainda é a do corpo malhado, perfeito, e é esse corpo que as pessoas em geral desejam, a beleza que nos é imposta. E o indivíduo que possui este corpo atinge o status social desejado. Como nos mostra Crane (2006):

> "Os padrões hegemônicos apontam para corpos disciplinados em academias de ginástica, práticas de esportes e o consumo de suplementos alimentares de forma que a centralidade do corpo na sociedade contemporânea parece repousar no fato de que ela confere um status social ao revelar quem tem dinheiro, tempo e informação para aperfeiçoá-lo." (p.420)

A modificação corporal extrema e as performances na década de 90 trabalham com o conceito do irreal, do corpo multimídia, adaptado aos avanços tecnológicos. Os artistas desse período como Stelarc trabalham com tecnologia ligada ao corpo, para ele o corpo é "uma espécie de carapaça anacrônica da qual é urgente se livrar". (apud LE BRETON, 2003, p.50)

Stelarc trabalha o tema da máquina humana, transformando-se em *ciborgue*. Suas funções fisiológicas são substituídas pela tecnologia, mostrando-nos a pós-modernidade, o ser humano interagindo com a tecnologia com seu corpo ligado a computadores.

Para Stelarc, em uma época que nos comunicamos pela internet o corpo torna-se inútil, sua presença não se faz mais necessária. A tecnologia para ele, não é mais enxertada ao corpo, ela é igualmente implantada, como parte do corpo, componente do mesmo.

Como nos mostra Le Breton (2003):

> "Diferentemente da primeira fase da *Body Art*, na época da Internet e das viagens espaciais, os artistas pós-modernos ou pós-humanos consideram insuportável possuir o mesmo corpo que o homem da idade da pedra. Pretendem alçar o corpo à altura da tecnologia de ponta e submetê-lo a uma vontade de domínio integral, percebendo-o como uma série de peças destacáveis e hibridáveis à maquina." (p.46)

Hoje a rapidez da informação é surpreendente e a todo momento somos bombardeados por lançamentos tecnológicos, por games mais avançados, pelo modo como a fantasia é real hoje, em filmes e jogos. Essa constante mudança torna o mundo efêmero, tudo fica igual e obsoleto rapidamente, e então estamos sempre ansiosos por novidades. Para alguns artistas essa artificialidade é incorporada através da modificação.

Orlan, após a década de 90, trabalha com esse conceito, através de suas múltiplas cirurgias plásticas. Trabalhando o corpo efêmero e que se transforma gradativamente através da medicina pós-moderna que se baseia no domínio que o cliente possui sobre si e na urgência do resultado.

> "O corpo escolhe a si mesmo em seu conteúdo e, sobretudo, em sua forma; a anatomia deixa de ser um destino para ser uma escolha; a indústria do design espalha-se pela vida cotidiana, ou no campo artístico, aplicando-se ao corpo próprio. O princípio de identidade torna-se tão obsoleto quanto as formas corporais indefinidamente remanejáveis." (LE BRETON, 2003, p.49)

Pires (2005) comenta o trabalho de Marc Quinn, que questiona os limites do organismo e liberta o homem das amarras de seu corpo. O artista trabalha

com o elemento do seu interior para reproduzir-se no meio exterior, mostrando o corpo também como obsoleto.

Em 1997 Marc Quinn apresenta sua obra Self, na exposição intitulada Sensation na Royal Academy os Art, em Londres que consistia em uma escultura de sua cabeça feita com 4.5 litros do seu sangue, quantia essa, que equivale a quantia média total do corpo. Para manter a escultura em estado sólido a mesma é conectada a um sistema frigorífico.

T.Angel também já questionou o corpo artificial em suas performances, ao falar de suas modificações, cita os chips que vai ter no coração o transformando em meio humano, meio robótico. Este procedimento é parte de um processo de transformações que ele realiza que virarão um livro. Ele também fala sobre a performance *Art.ficial*:

> "[...] eu fiz uma performance que eu construí o sistema venoso externo artificial, e eu usava os buracos novos que eu tenho no corpo, eu passava o caninho pelo nariz, pelo buraco da orelha de dentro, pelo mamilo, então é toda uma construção externa artificial que só foi possível porque eu tenho modificação corporal, pra fazer até a discussão que eu queria, sobre a artificialidade do corpo." (T.Angel, 16/04/2010)

Sobre seu livro, que ainda está sendo escrito, o *Project Ang3l*, T.Angel nos fala sobre a parte em que abordará os sentidos, já que para ele a sociedade não se preocupa mais em ter sensações, e a idéia dele é expandir os sentidos e fazer com que as pessoas reflitam sobre os delas:

> "É... tem a parte que vou discutir os cinco sentidos, mas aí a discussão é a seguinte, na sociedade contemporânea, corrompida pelo capitalismo, as pessoas, elas se alienaram tanto que elas perderam o contato com a coisa dos sentidos assim, eu falo que as pessoas estão anestesiadas. Então a idéia é mecanizar o corpo pra recuperar o que a gente tem de orgânico, que é o mais natural da gente assim. Então é... da parte que eu já fiz por exemplo, eu fiz uma *scar* sobre o olho e aí o sangue ia escorrendo sobre o globo ocular e blábláblá, e era como se eu tivesse expandindo a questão da visão. Aí vai ter também o olfato, que eu vou fazer um *punch* dentro do septo, remover numa tacada só e alargar mais as laterais do nariz, como se eu tivesse realmente ampliando minha capacidade olfativa. No paladar eu vou abrir mais a língua, mais possibilidades assim. Da audição eu vou aumentar os alargadores, como se eu tivesse realmente mecanizando meu corpo pra expandir os sentidos. A idéia é, desenvolvendo meus sentidos, mas fazendo as pessoas refletirem sobre os delas." (T.Angel, 16/04/2010)

Ao falar de pós-humano, T.Angel pensa a respeito da sexualidade, como discutir a sexualidade em um mundo onde ela é banalizada, onde a definição de gênero ainda é extremamente presente, e os preconceitos entre homem e mulher são presentes, apesar de a mulher se vestir como o homem e se equiparar a ele para poder atingir um status social:

> "Quero discutir também a questão do gênero sexual, a idéia é, como eu quero passar do humano ao pós-humano, a idéia é que eu seja um transexual, não no sentido de querer virar mulher, mas no sentido do sexo além, não é nem homem nem mulher, "*what a fuck*?" é o *it* né? Não é nem *he* nem *she*, é o *it*. (risos) Então vai ter uma discussão sobre isso também. O que vai ser bacana, vão estar entre a discussão de masculinos e femininos." (T.Angel, 16/04/2010)

Ao abordar a contestação presente na modificação corporal, podemos pensar na diferenciação entre *Body Art* e *Body Modification*. T.Angel, como *performer*, defende o tom contestatório presente na *Body Art* e mostra que há diferenças entre a arte performática e a *Body Modification* feita por si só, como estética:

> "[...] a *Body Modification* pode ser uma cirurgia plástica, para manter a norma social, do que é belo, do padrão de beleza. E aí não tem função nenhuma, você tá seguindo a fila. Agora quando você, por exemplo, coloca chifre, eu acho que você ta fazendo uma puta discussão, por mais que você nem pense nisso sabe? "Ah eu fiz porque queria discutir o cristianismo e blábláblá". Por mais que você não pense nisso. Mas você fazendo isso, já está fazendo uma discussão. É... Mas eu acho que a *body art*, ela vai estabelecer discussões mais profundas e mais conscientes assim, se for pensar." (T.Angel, 16/04/2010)

Ele justifica porque não é possível ser classificado como práticas iguais, a estética e a *Body Art,* e mostra que o importante é que o sujeito que recebe a modificação se sinta bem consigo mesmo:

> "não consigo, tipo... sabe? A coisa da estrelinha no pulso, ver aquilo como uma *body art*, primeiro que o tatuador que fez, ele tá pensando no capital, porque ele vai fazer mil estrelinhas se você pagar pra ele, não tem processo de criação nem nada, tem o trabalho manual, ok. Mas é só, é capital e pra pessoa que tá recebendo é estética, é pura estética"
>
> "Não tenho preconceito, acho que é a forma de cada sujeito se completar, se colocar no mundo. Se for com uma estrelinha no pulso ou um *piercing* no nariz ou um silicone, ou uma plástica na orelha ou uma redução de estômago, alguma coisa..." (T.Angel,16/04/2010)

A *Body Art* possui um tom contestatório desde as ações executadas no começo do século, os *happenings* da década de 50 e as performances a seguir. O conceito da arte que trabalha o corpo, como nos mostrou T.Angel, é discutir algum aspecto da sociedade, e mostrar ao público temas polêmicos, como afirma Le Breton (2003):

> "O corpo entra em cena em sua materialidade. A Incorporação da arte como ato inscrito no efêmero do momento, inserido em um ritualismo combinado ou improvisado segundo as interações dos participantes, contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal imediato. A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência. Oscila de acordo com os artistas e as performances entre a radicalidade do ataque direto à carne por um exercício de crueldade de si, ou a conduta simbólica de uma vontade de perturbar o auditório, de romper a segurança do espetáculo. As performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos, etc". (apud FRANÇA, 2008, p.38/39)

Refletindo sobre a *Body Modification* estética e contestatória, Zuba relaciona a *Body Mod* como forma de rebeldia, para chocar socialmente, chamar atenção para aquele corpo diferenciado, ou então o mais importante para mostrar contestação seria a simbologia da modificação, como ela relata:

> "Uma vez um cara quis fazer uma escarificação duma... da anarquia no peito. Aí fiz, porque ele queria um... anarquista total o cara! Tudo ele se baseava na anarquia na vida dele. Aí teve um garoto né? Na época ele tinha o que? Uns 16, 17 anos. Ele falou: "meu pai odeia que fure a orelha. Odeia! Ele é separado da minha mãe, eu odeio ele, então eu quero furar a orelha. E dos dois lados ainda. (risos) Que é pra ele falar bastante."Então vai lá e põe o... fura a orelha e vai mostrar pro teu pai. "Depois eu tiro, porque eu não gosto!" Foi só pra encher o saco do pai. Então tem gente que faz pra contestar alguma coisa de alguma maneira, seja o que for." (Zuba, 04/02/2010)

Para Zuba, a maioria das pessoas que procura um profissional para fazer uma modificação, tem por motivo a estética e T.Angel afirma que também iniciou seu processo por uma questão de beleza, porém depois a significação foi maior, a intenção dele hoje é gerar uma discussão a respeito das práticas corporais e a relação com a sociedade.

Ao perguntar sobre performance, Zuba também lembra de alguns freak *shows* que participou na década de 90, e citou alguns artistas, como a cia Burra de teatro de Minas Gerais e Priscila Davanzo, que possui tatuagens que lembram manchas de pele de vaca.

Sobre os *freak shows*, ela se lembra de um que ocorreu na Praça Roosevelt em 1999 com o francês Lukas Zpira, que realizou uma *knee suspension* (suspensão pelos joelhos), o que, para o período, era extremamente radical. Fora esse episódio, Zuba fala sobre Heitor Werneck, que hoje é o idealizador do Projeto Luxúria, festa que ocorre uma vez por mês em São Paulo.

As motivações para realizar uma modificação corporal são variadas, podendo ser estética, marcar um período na vida, discutir alguma questão social, inserir-se em um grupo, como afirma Le Breton (2003), o importante é sentir-se completo, afirmar sua identidade:

> "o corpo vivido como acessório da pessoa, artefato da presença, implicando em uma encenação de si que alimenta uma vontade de se reapropriar de sua existência, de criar uma identidade provisória mais favorável" (p.22)

A motivação de T.Angel hoje é discutir questões sociais, para ele o corpo "está ok. Mas falta alguma coisa pra ser completo" e "esse processo vai até a morte". A motivação de Zuba é estética, de decorar o corpo, concordando com a frase de Fakir Musafar "o corpo é tua casa, a tua casa é como você quiser, não fazer isso é não viver":

> "Olha, independente da modificação eu aprendi, até eu falava isso no grupo de jovens, porque naquela época eu já tinha tatuagem né? Aí eu lembro que o padre falava sempre aquela coisa que o corpo é sua morada, é a casa que Deus te deu, sabe assim? Então ta, se é a casa que Deus me deu eu tenho que cuidar bem dela, então eu decoro bem ela. (risos) Ué, você não decora tua casa? Eu to decorando a minha. Eu vejo assim." (Zuba, 04/02/2010)

Há um questionamento também com relação a dor, se existem pessoas que fazem modificação pela dor, ou se a dor traz prazer de alguma forma pra eles. Zuba fala que tem muitos clientes s/m (sadomasoquistas), mas ela

mesma não suporta a dor, usa anestésicos e tem esse cuidado com o cliente também, para não vê-lo sofrer, como ela relata:

> "[...] da primeira cliente que era s/m, ela falou que então ela queria sentir dor, porque eu sempre tive o cuidado dos clientes também de... se eu não quero sentir dor, eles não querem também. Então eu sempre tenho um anestésico, eu falo pra pessoa se ela quer com o anestésico ou sem. Então não, é dor, dói? Então é aí que eu quero, e geralmente era genital ou mamilo que é o que dói mais. E aí ela começou a me indicar pra outras pessoas s/m, então eu comecei a ter muitos clientes por isso." (Zuba, 04/02/2010)

Thiago também fala que não gosta da dor, mas lembra do público s/m e mostra que pra ele, a dor é parte do processo, que nós aprendemos com as dores que passamos:

> "Só que aí você vai começando a trabalhar o corpo, você vai mudando conceitos né? Então você vai fazendo com que a dor vá deixando de ser um empecilho, você vai querer pular a dor o máximo que puder, só que você começa a entender que ela faz parte. É como quando você aprende a andar, você vai cair, vai doer, pra andar de patins eu caí pra cacete, me machuquei pra cacete, e doeu. Então você vai começando a fazer essas relações com a vida mesmo. Então tudo que eu faço eu não faço pela dor, não mesmo, quando eu posso burlar a dor eu burlo. Mas enfim, não tem como né? Ela tá presente, eu tô vivo" (T.Angel, 16/04/2010)

Para Thiago, existe a questão sexual envolvida na *Body Modification*, seja através de quem faz um *piercing* genital por motivos de intensificar o prazer, ou mesmo para que o indivíduo sinta-se seguro com seu corpo e possa exibi-lo sem algum tipo de amarra. Ele cita o próprio exemplo:

> "A modificação corporal me liberta de um monte de amarras da minha relação com o corpo. Eu era muito, muito, muito tímido, perna fina, muito branco, muito magro, cada hora era um tipo de complexo que eu tinha e a modificação corporal me limpa disso." (T.Angel, 16/04/2010)

E fala sobre a sensibilidade corporal que adquire depois de mudar o corpo, e também das possibilidades que a modificação pode trazer:

> "eu acho que depois que eu tatuei minha barriga, por exemplo, ela ficou muito mais sensível; o *piercing* do mamilo, total mais sensível; a língua repartida. Então são vários elementos que vão colocando um certo fetichismo sabe? Mexe com a sensibilidade do próprio corpo. E aquilo que te falei, a *Body Mod* possibilita novas coisas não é? Então por exemplo, em uma festa de fetiche que eu fui, o menino que tava

> fazendo uma sessão de *art body*, com amarrações e bláblábla, e a mestra dele tava fazendo uma amarração genital nele. E ela viu um *piercing* na glande, então ela usou a argola pra fazer uma amarração nova lá, se ele não tivesse a argola no pau não daria né? (risos)." (T.Angel, 16/04/2010)

Perguntei a eles se havia uma preocupação com a popularização do movimento da *Body Modification*, o fato de várias pessoas hoje possuírem ao menos uma tatuagem, ou se a preocupação era outra. Eles mostraram pontos de vista diferentes, e uma preocupação diferente com a popularização.

Para Zuba, a maior preocupação que a popularização do movimento da *Body Modification* trouxe é essa questão da higiene, da preocupação com quem trabalha clandestinamente. A vigilância sanitária hoje fiscaliza melhor as condições de trabalho dos profissionais, o que para muitos não é interessante:

> "Eu não sei, é complicado porque eu me preocupo muito, na época, já há alguns anos atrás muita gente estava fazendo muita coisa sem se informar, sem estudar, sem saber. E isso me preocupa pela saúde das pessoas na verdade."
>
> "Quando eu entrei, fiz mercado mix, comecei a fazer mercado mix eu vi que muita gente que eu conhecia, tatuador e tal não gostou dessa coisa, eles falavam que eu e a Cláudia que fomos as culpadas de ter levado isso pra moda e que não foi legal. Por que? Porque aí começou a procurar, ahn... a vigilância sanitária começou a ir mais atrás, a questão da saúde, começou a procurar mais esses profissionais e isso é muito bom, só que pra eles era muito ruim, pra quem trabalhava na clandestinidade não foi legal." (Zuba, 04/02/2010)

Para Thiago essa questão do profissional é importante, mas ele avalia como uma forma de estudar o corpo, discutir os processos corporais, do ponto de vista dele, o que importa para muitos profissionais é só ganhar dinheiro com a profissão, sem saber muito a respeito:

> "[...] a falta de valorização do meio também, tipo pela *frrrkcon* que é um evento que supostamente é voltado para a galera que é da *Body Mod* e até da *Body Art* assim, são poucas as pessoas que vão. Vem mais gente de fora de São Paulo por exemplo do que de São Paulo, não sei o que acontece, e não dá pra entender, a primeira edição mesmo, a gente esperava um monte de gente e a galera não vai, tipo a galera que trabalha mesmo com a coisa não vai. Então tipo, aprende a perfurar sabe-se lá como e ok ta satisfeito, ah eu ganho dinheiro ta bem assim. Não pensa em estudar, em discutir o corpo, a idéia do evento é até essa né? Pensar os processos corporais... a impressão que dá é que ninguém ta aí pra pensar, só pra fazer..." (T.Angel, 16/04/2010)

Outra preocupação de T.Angel é a moda da modificação, pessoas muito novas enchendo o corpo de tatuagens e *piercings* e correndo o risco de arrepender-se depois. Para ele, ter muita tatuagem, por exemplo, torna a pessoa uma celebridade, a mesma vai ter seu Orkut acessado, o Facebook[3] cheio de amigos, o que incentiva adolescentes a iniciarem-se no meio sem muita maturidade e percepção de corpo:

> "[...] então a galera de 16 anos ta fechando o pescoço de tatuagem, as mãos, os dedos. Cara, acho que é muito precoce, não é o momento. Tem uma galera que se enche de coisa pra chamar a atenção, e não é um, são vários. É... então tá uma febre né? Se a gente ver as bandinhas que fazem sucesso hoje no meio *teenager* assim, são menininhos tatuados com alargador e eles vão desenvolvendo um monte de cópias, e aí vai... É um problema da *Body Mod* até, quantidade e não qualidade..." (T.Angel, 16/04/2010)

[3] Dessas redes sociais, o Orkut é bastante difundido no Brasil e o Facebook ganha espaço agora no Brasil, mas mundialmente é uma das maiores redes de contatos sociais existentes no momento.

Conclusão

Através da análise das entrevistas, foi possível perceber como as opiniões sobre este tema podem ser diferenciadas e como ainda os adeptos da modificação corporal em qualquer uma de suas formas sofrem preconceito na sociedade contemporânea.

O início dessa forma de modificar o corpo dá-se por uma necessidade de individualização imposta na sociedade pós-moderna, em que os avanços tecnológicos e mudanças de comportamento acontecem cada vez mais rapidamente.

A sociedade capitalista, que nos incita a padrões de comportamento, traz consigo um padrão de beleza muito forte, em que não ter o corpo valorizado, ou em que o processo de envelhecimento torna-se mais lento, devido aos avanços da medicina, faz com que algumas pessoas modifiquem seus corpos com o intuito de fazer-nos refletir sobre o que somos capazes de fazer para pertencer aos padrões sociais vigentes.

Pudemos perceber também como a modificação corporal foi popularizada e como algumas práticas foram inseridas no padrão de beleza vigente, fazendo com que outras pessoas busquem métodos mais dolorosos e diferenciados com intenção de chocar as outras pessoas, mas respeitando seus próprios padrões estéticos.

Também notamos que há uma preocupação ainda de discutir as relações que temos com nosso corpo, pensar o que é agressivo a ele, e repensar se essa agressividade só é percebida quando o resultado é considerado feio pela grande massa, ou se a notamos até quando é para atingir a beleza que nos é colocada.

Foi possível entender que os adeptos da *Body Modification* possuem motivos diferentes para a realização das práticas, porém um ponto é comum em seus discursos, a necessidade de diferenciação no início, e de atingir o que é considerado belo para estas pessoas é o motivo inicial, e depois este pode adquirir uma discussão maior para alguns.

Notamos que ainda hoje, mesmo com o processo de medicalização dos profissionais, da cobrança da vigilância sanitária com os estúdios, do reconhecimento dado a profissão, ainda os adeptos são vítimas de preconceito e são associados à marginalidade.

Pudemos concluir que a *Body Modification* pode ser associada a um movimento de contestação, quando unida a arte da performance, quando estuda-se o corpo para tentar transmitir uma mensagem através de seu uso, e também pode ser associada a um movimento estético, sendo passível de comercialização e tornando-se elemento componente do padrão estético vigente.

Algumas lacunas não foram supridas por este artigo, o papel dos rituais trazidos de populações ditas primitivas, o quanto a modificação corporal pode ser associada a questão sexual e a opinião de quem não é pertencente ao meio merecem mais atenção, assim como a escassez de fontes que estudem o corpo também incentiva e dá margem a estudos futuros.

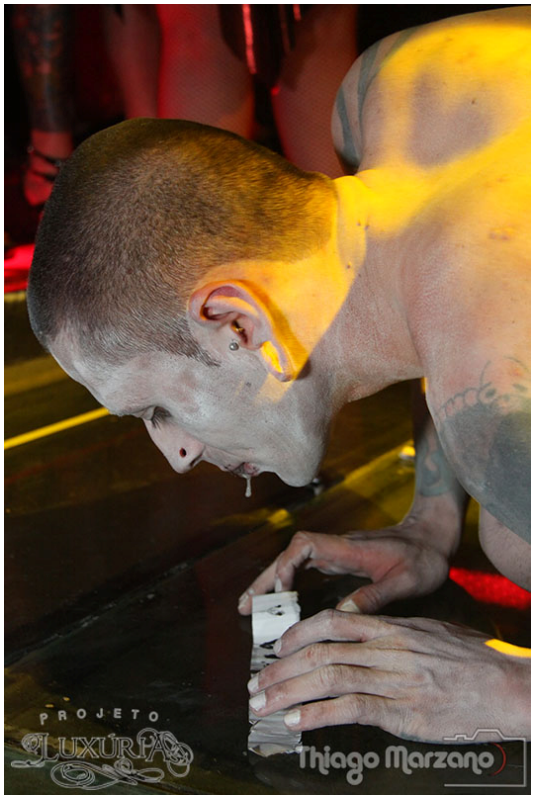
Imagens do trabalho de Zuba e T. Angel, cedidas pelos próprios profissionais

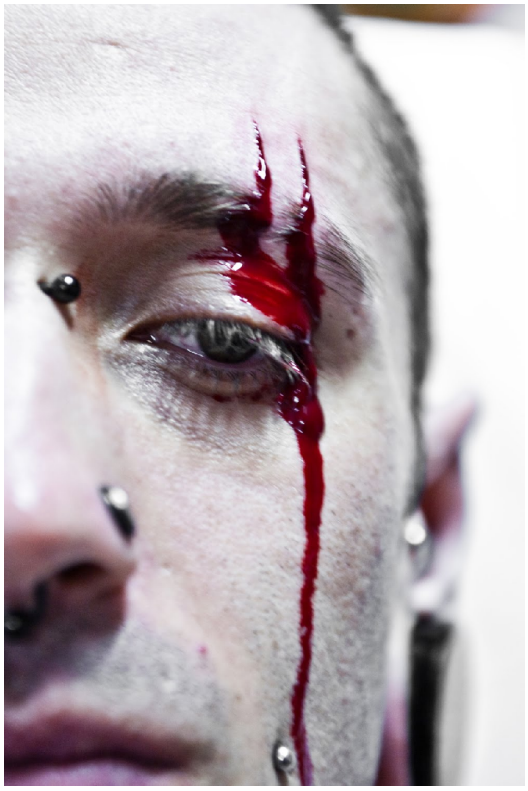
Logomarca do Studio Zuba

Zuba colocando piercing em mamilo

Trabalho de Zuba

A *body piercer* em seu trabalho como DJ





Performance Samsara: T.Angel

Project: Ang3l

Performance : Somewhere Over The Rainbow

Referências

Fontes

Entrevista com Zuba – concedida no dia 04 de fevereiro de 2010.

Entrevista com T.Angel – concedida no dia 16 de abril de 2010.

Bibliografia

ARCHER, Michael. Arte **Contemporânea. Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

AVELAR, Suzana. **Moda e Globalização. E Novas Tecnologias**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal – Ensaio Sobre os Fenômenos Extremos**. Campinas: Papirus, 1990

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BERMAN, Marshall. **Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia – Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da Pele – Um Olhar Antropológico Sobre a Body Modification em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2006

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo – Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papirus, 2003

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia**. São Paulo: Senac, 2001

COHEN, Renato. **Performance Como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social – Classe, gênero e identidade das roupas.** São Paulo: Senac, 2006

DAGNINO, Evelina (org). Anos 90 – Política e Sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2009

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FRANÇA, Letícia Souto Ribeiro de. **As Práticas Profissionais de Modificações Corporais: Entre a Biossegurança e as Técnicas de Si**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 2008

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009

GOLDBERG, Roselee. **A Arte da Performance. Do Futurismo ao Presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

HUBERT, Henri e MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício**. Cosac e Naify, 2005

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo – Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papirus, 2003

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo Como Suporte da Arte**. São Paulo: Senac, 2005

_____. **Corpo Inciso, Vazado, Transmudado – Inscrições e Temporalidades**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2006

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação – Sintoma da Cultura**. 3° Ed. São Paulo: Paulus, 2004

_____. **Culturas e Artes do Pós Humano. Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003

SANTOS, Jair Ferreirra dos. **O Que é Pós Moderno**. 17°Ed. São Paulo: Brasiliense, 1997

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI – No loop da montanha russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da Utopia – A Militância política de jovens nos anos 90**. São Paulo: Hacker Editores, 1999

STIGLITZ, Joseph E. **Os Exuberantes anos 90. Uma Nova Interpretação da Década Mais Próspera da História**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

VILLAÇA, Nízia. **A Edição do Corpo. Tecnociência, Artes e Moda**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2007

Artigos

ANDRIEU, Bernard. **Em Direção á Auto-Saúde: O Capitalismo do Si Corporal.** IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte Vol1, Ed.2. http://www.iararevista.sp.senac.br/ed2/pt/contcomp/auto-saude.html - acessado em 17/02/2009

ANTONELLO, Carla. **O Corpo na Linguagem da Performance em Interação com Cibercenários**. Coletivo do Mestrado em Artes http://br.geocities.com/coma_arte/textos/carlaantonello.pdf - acessado em 17/02/2009

ARANTES, Priscila; AVELLAR Suzana. **O Corpo Globalizado: da Vanguardas do Início do Século XX aos Wearable Computers.** Revista Fashion Theory Vol.3 Número 4: Dezembro, 2004

BARBOSA, Andreza. **A (Des)articulação do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90)**. Revista Educação: Teoria e prática – vol.10, n°1: jan-jun, 2007

BERGER, Mirela. **Tatuagem: A Memória na Pele.** Ponta da Fruta: Universidade Federal do Espírito Santo: Maio, 2007 http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/tatuagem_a_memoria_na_pele.pdf - acessado em 17/02/2009

CARVALHO, Rodrigo de. **Dez anos do impeachment de Collor**. Revista Princípios n°66, 2002. http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=66&cod_not=87 – acessado em 28/05/2009.

CASTELFRANCHI, Yurij. **O Piercing e Cruz: A Dor Que Não se Evita**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edição=24&id=271 – acessado em 17/02/2009

CÉSAR, João Batista. **É Transgressão ou Arte?**. Jornal da Unicamp: Dezembro, 2001 http://www.unicamp.br/unicamp/Unicamp_hoje/ju/dez2001/unihoje_ju169pag04.html – acessado em 17/02/2009

DARRIBA, Paula. **Um Breve Panorama Sobre a Performance no Brasil**. http://www.ia.unesp.br/@rquivo@/pdf/darriba.pdf - acessado em 12/05/2010

DOSSIN, Francielly Rocha; RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Corporalidades no Urbano Contemporâneo: A Body Modification e os Modern Primitives**. IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de Maio de 2008, Faculdade de Comunicação UFBA, Salvador – Bahia – Brasil

LOPES, Antonio Herculano. **Performance e História (Ou Como a Onça, de um Salto, Foi ao Rio do Príncipio do Século e Ainda Voltou Pra Contar História.** http://www.casaderuibarbosa.gov.br – acessado em 12/10/2009 ás 22:43

MISKOLCI, Richard**. Estéticas e Estilos de Vida – As Relações Entre Moda, Corpo e Identidade Social**. IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte Vol1, Ed.2. http://www.iararevista.sp.senac.br/ed2/pdfs/03_versao%20final.pdf – acessado em 17/02/2009

MIZRACH, Steve. Modern Primitives: **The Accelerating Collision of Past and Future in the Postmodern Era.** http://www.fiu.edu/~mizrachs/Modern_Primitives.html - acessado em 17/02/2009

SANTOS, José Mário Peixoto. **Breve Histórico da “Performance Art” no Brasil e no Mundo.**
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf - acessado em 18/05/2010

Anexos

Entrevista Zuba

Carla: Desde quando você trabalha com *Body Modification*?

Zuba: Comecei a trabalhar com isso em 1990. Fiz uma viagem pra Londres e lá eu tive um amigo meu que trabalhava em um estúdio de *piercing* e tatuagem e aí eu ajudava, era ajudante. Então pra eu ficar um tempinho mais lá porque eu tava sem grana, comecei a ajudar nesse estúdio limpando e tal. Aí foi quando eu aprendi a fazer os *piercings*. Aí eu comecei a fazer lá (Londres), quando eu vim pra cá (São Paulo) que eu já tinha isso na minha cabeça: é isso que eu vou fazer, é isso que eu gostei. Então o estúdio eu abri em 92.

Carla: Como que era a procura?

Zuba: Então eu tinha um sócio, na época eu tinha um sócio, né? e nós atendíamos na casa dele ali na Bela Cintra, o público que nós tínhamos na época era um pessoal assim mais ligado a... a noite, a moda, né? Pessoal que ia pra balada, que eram nossos amigos e principalmente é... Uns caras assim motoqueiros, uns caras Harley Davidson assim, que gostavam de colocar no mamilo, na orelha, no umbigo.

C: E era só *piercing* né?

Z: Só *piercing*. E é engraçado que hoje em dia as mulheres que usam *piercing* no umbigo né?

C: E antes eram esse caras grandões e tal.

Z: Eram os homens, hoje em dia homem que quer colocar *piercing* no umbigo é viado né? Isso é coisa de mulher, e não é né? Homem só fazia *piercing* no começo. Naquela época eu atendia pouca mulher.

C: Quando era mulher, onde elas preferiam fazer?

Z: Mulher gostava muito de colocar no nariz. Hoje em dia também, nariz e umbigo são os mais procurados. Agora o meu primeiro *piercing* foi o do nariz, mas foi em 85.

C: E por que você fez?

Z: Eu tinha uma amiga que ela era Hare Krishna, aí ela me levou em um templo lá em Pindamonhangaba, com os Hare Krishna lá, e lá a maioria das mulheres tinham o nariz furado, aí eu falei: “eu quero também” (risos). Eu nem conhecia, nem existia isso, nem se ouvia falar de *piercing*, aí eu lembro que eu procurei um monte de farmácia pra furar meu nariz, ninguém queria furar “imagina, você ta louca, furar o nariz”

C: E você conseguiu furar com aquele revólverzinho de farmácia?

Z: É, foi com o revólverzinho, e aí tinha um farmacêutico que eu tomava injeção com ele, amigo do meu pai, fui lá e falei: “por favor, por favor”, levei foto e falei: “olha, pode furar, isso existe”(risos). Ele disse: não me responsabilizo e não fala pro teu pai que fui eu”, falei: “ta bom” e furou. Depois de muitos anos que fui saber que não aqui no Brasil, mas lá fora era uma coisa assim, muito comum.

C: Isso tudo em 85. Você está com quantos anos agora?

Z: 40

C: Você faz outra coisa além de trabalhar como *Body Piercer*? Tem outra profissão?

Z: Então, eu fazia *piercing*... Depois eu tive que fazer uma outra viagem, eu fui pros EUA e lá aprendi a fazer *branding,* e o *scarification* e o implante. Aí além do *piercing* eu já fazia umas coisas e depois comecei a radicalizar a coisa, eu já tava a fim de cortar as pessoas, queimar (risos). Aí isso foi em (...) acho que em 95, 96 que comecei a fazer essa outra pegada.

C: E você nunca se interessou em fazer tatuagem?

Z: Me interessei, cheguei a fazer umas tatuagens, a minha sócia me ensinou e eu vi que era uma péssima tatuadora, só fazia umas coisas feias, como eu falo: "tudo é uma questão de dom". né? Cada um tem o seu dom e o meu dom não é pra tatuagem, sou péssima. Até tentei (risos)

C: Você trabalha com suspensão também?

Z: Eu já fiz bastante nos outros, em mim não, ainda não tive essa coragem e nem vou ter. (risos) suspensão tem o... como é? O rapaz de Campinas, o Felipe, ele faz muita suspensão, aí uma vez ele me chamou. E nossa: "vamos Zuba, eu quero te suspender, vamos, vamos". Eu disse: "mas nunca".

C: Por causa da dor?

Z: É, eu fico olhando aquilo, sabe? Na hora que coloco o gancho na pessoa eu sei que ela tá sofrendo, que tá doendo aquela merda, não adianta falar que não tá. (risos) Né? E ainda o negócio vai te suspender, vai puxar aquilo, ah não você entra em...

C: E a pele descola toda né?

Z: Descola, e você tem que estar zen em um estado não sei o que, eu falei: ah, não, não sei entrar nesses estados, deixa pra lá que eu não quero. Não dá, imagina.

C: Além da suspensão tem alguma técnica que você não gosta tanto?

Z: Eu acho que pra quem gosta, pra quem tem essa... Esse tesão todo, essa coisa toda espiritual até, que muitos dizem, eu acho legal né, como é que se fala... Você chegar no limite da dor.

C: É, dizem que quando você atinge esse limite você não sente mais nada, você fica bem né?

Z: É... isso. E eu como odeio dor, tudo que faço é com anestesia e não sei o que...

C: Jura?

Z: Ah, magina que eu vou sofrer de dor, eu não quero saber qual é esse limite da dor.

C: Nossa, e é engraçado que tem gente que faz pela dor né?

Z: É,tem sim.

C: E quando você faz alguma coisa, uma nova tatuagem, por exemplo, pode ser pra marcar algum momento da sua vida?

Z: Tem, eu sempre em alguns momentos de... estar bem, estar feliz “oba! Vou fazer uma tatuagem, alguma coisa” ou de estar mal, principalmente de estar mal, estar mal com alguma coisa, profissional, amoroso, sei lá, você fala: “quer saber? Vou fazer uma tatuagem pra me sentir melhor. (risos).

C: Se sentir mais bonita...

Z: Muita gente tem isso, porque às vezes você acaba conversando com o cliente e tal né? Pergunta por que está fazendo aquilo... Geralmente as pessoas querem marcar um momento sim.

C: A questão do reconhecimento também é forte? Por exemplo, quem faz um tipo ou outro de suspensão fica mais reconhecido no meio por superar mais a dor?

Z: Ah sim, lógico. “Fulano é corajoso, fez não sei o que”.

C: Quais modificações você possui?

Z: Muita tatuagem, e eu tenho um implante aqui (mostra o braço), que eu fiz brincando sabe? Por falta do que fazer peguei um metalzinho, um implante de aço, cortei, separei, enfiei e isso tudo conversando assim, com amigos. O máximo que eu fiz. E não aparece, por isso mesmo que eu acho legal. Fiz mas não aparece, tá aqui. Porque visualmente eu não gosto de... Gosto de *branding* acho legal na pessoa a cicatriz que fica, de repente uma tatuagem nessa cicatriz que eu acho legal, mas não em mim. Em mim eu não gosto de *branding*, *escarificação*, não vejo motivo pra fazer em mim, mas acho bonito nos outros. E tem outras coisas que eu queria fazer e não conseguiria fazer em mim.

C: O que é?

Z: Eu queria fazer... chama *transdermal*, igual esse (mostra *piercing* tradicional), só que aqui dentro das estrelinhas (mostra as tatuagens de estrelas que tem no braço). Queria que ficasse um metalzinho assim no meio.

C: Mas dizem que o *transdermal* não dói, é um processo tranqüilo...

Z: Não... Você dá uma anestesia, você corta, separa a pele, põe a peça dentro, fura, aí depois só rosquear... Mas pra eu fazer com a mão esquerda, fazer tudo isso... Pedi pra Cláudia me ajudar, que tatua comigo, ela disse “ah isso eu não

te ajudo!" (risos). Aí eu teria que procurar de repente o André Fernandes que é mais amigo assim pra fazer, mas aí falta tempo de eu ir até ele pra fazer... aí acabo não fazendo.

C: E quando você começou, além do *piercing* no nariz, quais outros motivos te levaram a iniciar com as *mods*?

Z: Então... aí eu fiz... aí um... acho que foi em 89, 88 por aí, eu encontrei um rapaz na rua que esqueci o nome dele, e ele falou "Nossa que legal seu *piercing*!" aí eu falei: *piercing*? Ele: "é, isso aí se chama *piercing*", falei: "ah é?, hmmm não sabia." Ele: não, é que eu moro na Europa, não sei o que tal tal tal... e passou. Quando eu fui pra lá que eu fiquei pouquinho tempo, uns 5 meses só, eu achei... eu adorei, amei, falei "é isso que eu quero fazer, aí eu voltei pra cá, comecei a fazer e em mim depois desse do nariz eu fiz o da orelha, e só. Aí depois de uns anos eu comecei a ter alunos, comecei a ensinar, porque na época não tinha ninguém que fazia *piercing*, tinha eu, o André Meyer e só.

C: E como você acha que começou a aumentar o interesse das pessoas pelos *piercings*?

Z: Então, na verdade eu acho que... na época eu tinha aqueles clientes daquele pessoal, tanto é que eu fazia muito *piercing* em casa noturna, lembro que tinha aquele Hell`s Club no Columbia, lembro que eu ficava tipo num palquinho fazendo *piercing*, na época tinha aquele pessoal do Hell`s mesmo, o Maumau que tocava e eu fazia *piercing* nessa galera. Depois, teve... começou o mercado mundo mix, em 94 e aí eu fui convidada a fazer mercado mundo mix, eu acho que o mercado mundo mix foi o grande responsável por esse *boom* do *piercing*, como por outras coisas também, essa coisa *clubber* da época, que veio...

C: E aí você acha que o pessoal começou a procurar mais...

Z: O mundo mix, ele informou muito, ele ajudou a divulgar esse tipo de trabalho e várias outras coisas, na moda também, imagina, tinha estilistas na época que ninguém conhecia, tinha o Herchcovich, Sommer, que começaram lá. Então o

mercado mix informou muito, por conta da mídia também, imagina... todo mundo ia lá filmar, a globo ia lá fazer matéria.

C: Isso em 94...

Z: Sim, 94 que estourou o *piercing* e os *clubbers* né? Tinha bastante os *clubbers*, no Massivo que tinha muito *clubber*, em 92 no Massivo também tinha bastante que eu divulgava o *piercing* lá...

C: Porque antes disso o máximo que tinha era por parte dos *punks* né?

Z: Tinha o pessoal dos anos 80 que tinha essa coisa do *piercing*, mas que não era *piercing* né? Era aquela coisa de ficar enfiando alfinete na boca, na orelha...

Eu tinha um amigo punk em 87, nossa ele enfiava alfinete em cada lugar, ele era todo marcado, assim, porque cada vez ele enfiava alfinete num lugar e deixava, e aquilo lá apodrecia né? Inflamava aquele ferro, e tirava, aí ficava tudo marcado, aquele retardado (risos).

C: Boa parte do preconceito com *piercing* vinha por causa da falta de higiene, hoje em dia é bem “medicalizado’ já...

Z: Hoje em dia é e tem a fiscalização em cima né? Antigamente a vigilância sanitária não tava nem aí pra estúdio de *piercing* e tatuagem. Nossa, eu lembro naquela época eu ia com amigos pra fazer tataugem no estúdio de uns amigos e era uma coisa meio porca, eles se preocupavam muito com aquele visual *underground* do estúdio de tatuagem, você via demônio na parede, aquele monte de quadro de desenhos de tatuagem, aí com o tempo as coisas foram mudando, os lugares ficaram mais com cara de clínica, branquinho... Porque começou a divulgar muito e as pessoas começaram a procurar lugares melhores pra fazer o *piercing* e a tatuagem, e não procurar mais aquele clima *underground*.

C: Fale um pouco sobre você, onde nasceu, infância, adolescência...

Z: Eu nasci aqui em São Paulo, bairro do Bixiga, família italiana. Hmmm que mais? Durante muitos anos eu fui do grupo de jovens da Cheropita, ao mesmo tempo eu tocava no Madame Satã, então eu saía de moicano do Madame Satã e ia pra missa (risos), preparar a missa, olha o ser né? Credo! E aí eu saía meio assim de porre do Madame Satã e ia pra Igreja, eu tinha que estar oito horas da manhã pra preparar a missa dos jovens, então eu tinha que preparar tudo, a hóstia, não sei o que... Então o que eu fazia, eu pegava um pouco de hóstia, separava algumas pro padre e comia o resto, tomava o vinho sacro delicioso, também eu separava e tomava um pouco. Duas vezes o padre me pegou bebendo vinho... “Mas é muito bom esse vinho, padre” (risos). Nossa eu fazia isso acredita? Era muito engraçado, hoje em dia eu dou risada.

C: Isso você tinha quantos anos?

Z: Ah eu tinha... 16, 17, 18, 19... até os 19 eu fiz isso (risos). Então... Que mais? Nessa época eu comecei a tocar no Madame Satã, então eu sou DJ desde aquela época. É... desde 92 com o estúdio, desde que eu parei de estudar, que saí do colegial. Então tem isso, quando eu saí do colegial meu pai falou: “Você quer ir pra faculdade já, ou você prefere viajar? Pra Europa e tal” É óbvio que eu preferi viajar né? Foi pior. Foi bom por um lado e ruim por outro, por um lado foi legal porque senão eu não teria feito tudo que faço hoje com *piercing* e tal. Mas também não acabei fazendo faculdade porque depois pra voltar é duro...

C: E você pretendia fazer qual faculdade?

Z: Direito. E ainda queria, ainda quero.

C: E é um meio que tem muito preconceito...

Z: Pois é... Mas aí eu queria fazer direito e eu queria ser delegada na verdade, então pra ser delegada você nem precisa passar na OAB. Eu queria, e acabei não fazendo nada na verdade... E com 16 anos eu fui pro PT também. Fui candidata já a vereadora.

C: Isso quando?

Z: Em 2000. Em 2000 eu tinha assim... Eu não ganhei por pouco na época, em 2000. Porque eu tinha apoio de todas as casas noturnas de São Paulo, tinha apoio do Mercado Mundo Mix, ninguém, nenhum outro candidato podia entrar no Mundo Mix pra fazer campanha, só eu. Foi uma boa campanha naquela época.

C: E como foi sua entrada pra política, pro PT?

Z: Eu sempre me interessei por política, sempre. Eu vi um pouco da ditadura, tinha 5 ou 6 anos. Lembro que minha mãe ia me levar pra passear no centro, a gente ia bastante pra lá, minha mãe gostava de ir no Mappin e não sei o que... E nessa época da ditadura às vezes acontecia uns quebra-paus lá no centro da cidade. Então quando a gente chegava lá e tava tendo quebra-pau, a gente voltava. Minha mãe falava: “Ih, hoje não ta bom pra passear”, aí voltava pra casa. Então eu ouvia falar muito politicamente na minha casa, minha mãe e meu pai conversando, então eu gostava. Aí quando eu tinha... quantos anos? ... 15 anos, eu tinha uma professora assim petista roxa, e aí eu lembro uma vez que ela falou que se, quem fizesse trabalho, campanha de divulgação de uma vereadora aí. Na época era a -------de Cardoso. Quem fizesse campanha pra ela ganhava dois pontos na nota quase (risos). Era professora de português... Ai eu falei “to precisando mesmo, eu vou!”, eu lembro que eu gostei, comecei a ler o material dela, e então eu fui e me filiei, e entrei pro PT. A partir daí eu sempre ia em reuniões, tinha que participar de encontros, e cheguei a militar mesmo. Ai eu entrei pro grupo gay dentro do PT que eles tinham lá, e como eu conhecia muitas pessoas da noite, tava no mercado mix, estava não sei o que e tal, seria legal porque eu seria uma boa representante do grupo gay saindo como candidata, e aí eu topei, foi isso o que eu fiz. Foi legal, isso foi em 2000, e em 2002 eu tentei de novo, e eu fui tentando, mas foi muito complicado, muito difícil. Pois é, ai eu lembro que a ultima vez que eu trabalhei em campanha eu fui assessora da Dita Dias, fiquei uns anos trabalhando como assessora dela, ai foi quando eu tive maior contato com certeza, da política mesmo, trabalhando lá dentro, sabe meu? É uma putaria tão grande, tem que ter estômago, por que você se decepciona, e não era isso que eu queria, não era isso que eu esperava e não ia ser isso que eu queria fazer... Aí eu saí. Depois eu fui convidada pra ir pro PSOL, da Heloisa Helena, sai como candidata pelo PSOL, foi outra decepção: pior ainda. Um partido menor, você

tem menos voz ainda pra fazer alguma coisa, menos grana, já não tinha grana, ainda o partido com menos grana não dava pra fazer nada mesmo, é um partido que não te ajuda em nada... O PT ainda ajudava muito nesse sentido, te dava material, te dava espaço, mesmo pro grupo gay te dá muito espaço, é o único partido que na verdade eu vi que dava espaço pra você falar, pra você expor as suas idéias e tal... Mas eu desisti por um tempo, tentei até 2006, pra vereadora e pra deputada estadual.

Carla: O convite do PSOL foi em 2006?

Zuba: Isso, em 2006, eu fui candidata, mas aí me revoltei e não fiz campanha nenhuma. Mesmo sem fazer campanha nenhuma eu tive 700 votos, sem fazer nada. Foi bom (risos). Aí tem meu primo que é candidato por um outro partido e fica me chamando pra ir, pra ir, mas não vou! Já deu uma esfriada essa parte política da minha vida. Se você é filha da puta na política você vai, mas se não é...

Carla: Se você tem algum projeto legal também fica de mãos atadas né?

Zuba: Sim, te barram! A Marta tem muitos projetos legais pra várias áreas e tá tudo engavetado. Eu não sei, a última que vez que falei com ela ou ouvi falar, sei que ela desistiu, ela não quer mais saber. Ela prefere ficar como ministra de não sei lá o que do que ser candidata de novo. Você fica desgostosa... manda tudo a merda.

Carla: O que você tinha de proposta?

Zuba: Ah eu tinha várias propostas, uma vez sentei com o pessoal do grupo CORSA e o pessoal da associação da parada, nossa, a gente fez uns trabalhos assim homéricos, tinha várias coisas...

Carla: Bom, a significação da *Body Mod* já falamos...

Zuba: Ah, isso é algo que nunca vou me distanciar, mesmo que eu faça outra coisa. Eu passei num concurso público agora, pra trabalhar na vigilância sanitária, mas não vou deixar, quero abrir o estúdio direitinho pra continuar fazendo.

Carla: Você aprendeu alguma coisa de técnica aqui no Brasil?

Zuba: Não, tudo lá fora. Porque na época aqui não tinha, e quem tinha, tava começando, era aluno meu ou do André Meyer.

Carla: Temos uma divisão da *Body Mod* em extreme e não. O que era o extremo na década de 90?

Zuba: Olha, naquela época extremo, que as pessoas ficavam assim muito... é, achavam muito estranho, na época dei até uma entrevista sobre isso, era o *piercing* genital. Nossa, *piercing* genital, imagina... as pessoas achavam muito estranho, ficavam muito assustadas. O extremo hoje em dia é mutilação, aqui tem quem faça. Já me procuraram e me nego a fazer.

Carla: Que tipo de mutilação?

Zuba: Tem um cara que me procurou, por mostrar fidelidade à namorada dele. Porque ela pegou ele no elevador com a empregada, e aí ele queria provar pra ela que não, que era ela que ele amava e não sei o que, aí ele queria mutilar dois dedos da mão. Igual a Yakuza faz, que corta o dedo, então. Aí ele queria fazer dois dedos e queria entregar o dedo pra ela. Eu falei: Você é louco, magina, nunca. Mas de jeito nenhum... Ele disse: não, mas eu assino um termo de responsabilidade não sei o que... mas não... de jeito nenhum! Ele: mas é fácil, é só pegar um cutelo e tss. Eu: Então se é fácil, faz você... pelo menos na Yakuza é ele que faz nele mesmo. Ele: Não, mas eu não tenho essa coragem... Não faço, não faço!

Carla: Quando eu comecei a estudar a *Body Mod* não tinha ninguém conhecido que fizesse mutilação...

Zuba: Você já viu aquele site, o *bmezine* lá? Lá tem umas coisas *trash*. Eu acho muito *trash* aquela coisa de bifurcação da língua também... acho bem *trash*.

Carla: É o processo de transformação em réptil...

Zuba: Aham, eu tava vendo esses dias na televisão nesses canais babacas aí, naquela Márcia, aí tinha um cara lá, um gringo que queria virar gato, tava se transformando em gato.

Carla: Ele botou inclusive um rabo...

Zuba: É! (risos) Ele tem o bigode... Eu acho sabe?

Carla: O que você pensa disso? O que essas pessoas querem passar?

Zuba: É, porque quando eu comecei com a *Body Modification* tudo era tão leve, sabe? Tudo era tão... era bonito até. Um *piercing* no umbigo, não era nada assim tão extremo. E a coisa foi se transformando que até eu que faço isso me assusto e falo: gente! Eu não sei pra que, não consigo entender. Tipo, eu gosto, tenho vários gatos e quero ser um gato... ah... que legal... você nasce homem, quer ser mulher, você vira travesti, tá, você vai, modifica seu corpo, é diferente você ta numa mesma espécie, você é mulher, não quer ser mulher, você vai ser homem. Agora você não quer ser humano, se transformar num bicho? Aí tem o gato, tem o lagarto e você fala: Meu Deus do céu, aí já ta beirando... o povo tá pirado, só internando... eu acho meio estranho, tudo tem limite.

Carla: Na década de 90 começou com os *clubbers*, você acha que eles tinham alguma forma de protestar ou era só um modismo mesmo?

Zuba: Ah eu acho que tinha os dois lados né? Tinha os *clubbers* que eram os... como posso dizer? Puxa vida... eu lembro que eu conhecia dois tipos de *clubber*, os que levavam pro lado da estética, que era a coisa da noite, né? De

você se montar e estar bonito pra noite e tinha os... o pessoal mais *cyber*, que queria ser mais agressivo. Eu conhecia esses dois, tinha aquele que queria ser mais agressivo, que vinha de uma coisa meio *punk* até... com a intenção de chocar, tinha essas duas turmas, e hoje acho que deve ter também...

Carla: Tem sim, hoje dependendo do que você faz tem uma intenção de chocar...

Zuba: Até mesmo dentro da família tem os rebeldes sem causa, ainda existe, se enche de tatuagem, se enche de *piercing*, quanto mais a mãe fala, mais faz...

Carla: É difícil mãe gostar... A minha briga, fala que vai me deserdar, mas quando eu faço me ajuda a cuidar, muito fofa...

Zuba: Mãe é assim né? Pai já faz cara feia e não fala muito. Porque eu perdi minha mãe cedo né? Com 14 anos ela faleceu e ela não pegou essa fase minha, lembro que quando ela tava no hospital eu cortei o cabelo meio estranho, ela já fez uma cara meio estranha, ela tava no hospital, tipo: "eu não to em casa, ela já ta exagerando" aí eu me enchi de *botton,* Mettalica, AC DC, eram as coisas que eu curtia na época, Kiss, ela achou meio estranho, mas aí ela morreu. Aí meu pai teve que agüentar né? Aí eu comecei a andar com os *punks*, aí comecei a fazer tatuagem, aí ele perdeu a linha né? não sabia mais como me segurar, eu batia de frente com ele. Ele falava alguma coisa eu dizia: o corpo é meu, não enche o saco! Só minha mãe podia falar, você não. Não tive muito problema, não, só a cara feia do meu pai a cada tatuagem que eu fazia.

Carla: O que você acha em questão de sociedade? Que profissão esse pessoal que procurava tinha? Tinha muito preconceito na época.

Zuba: A maioria eram pessoas que trabalhavam na noite, ou era DJ ou era *barman*, ou era *promoter*, tinha aquele pessoal, médicos... muitos médicos faziam também, mas era aquela coisa mais escondida, nada que aparecesse, mas no início era mais esse pessoal envolvido com tatuagem também...

Carla: acabava virando um grupo isolado né?

Zuba: sim, porque o preconceito... até hoje né?

Carla: Hoje em dia é bem mais aceitável, não que não tenha, mas é mais aceitável.

Zuba: Eu vejo meus amigos que vão procurar emprego, tudo tirando *piercing* e tal... esconde tatuagem. Sempre perguntam se tem problema ter *piercing* e tal, porque tem muito preconceito... infelizmente. E hoje todo mundo tem *piercing*, ator na televisão com *piercing* e tatuagem, e mesmo assim ainda tem resistência. E sempre vai ter.

Carla: Qual o significado do corpo pra você, independente da Body Mod?

Zuba: Olha, independente da modificação eu aprendi, até eu falava isso no grupo de jovens, porque naquela época eu já tinha tatuagem né? Aí eu lembro que o padre falava sempre aquela coisa que o corpo é sua morada, é a casa que Deus te deu, sabe assim? Então ta, se é a casa que Deus me deu eu tenho que cuidar bem dela, então eu decoro bem ela. (risos) Ué, você não decora tua casa? Eu to decorando a minha. Eu vejo assim.

Carla: A questão da dor, você usa bastante anestesia e tal...

Zuba: Então, até os 30 anos, tudo bem, eu era mais resistente a dor, então eu não usava tanto, é que depois dos 30 eu fiquei cuzona, que parece que eu sinto mais dor, então tudo que eu vou fazer é com anestésico.

Carla: Então pra você não tem uma relação a dor né?

Zuba: Não não... pra mim é o visual mesmo.

Carla: Tem gente que vai procurar pela dor?

Zuba: Olha, eu já tive muito cliente s/m, sadomasoquista, já tive muitos.

Carla: Tem muita gente que faz *piercing* no mamilo pra isso né?

Zuba: Pra dor!

Carla: Como funciona a relação *Body Modification* e s/m?

Zuba: Pois é então eu... eu tive muitos muitos, muitos, desde o primeiro cliente, da primeira cliente que era s/m, ela falou que então ela queria sentir dor, porque eu sempre tive o cuidado dos clientes também de... se eu não quero sentir dor, eles não querem também. Então eu sempre tenho um anestésico, eu falo pra pessoa se ela quer com o anestésico ou sem. Então não, é dor, dói? Então é aí que eu quero, e geralmente era genital ou mamilo que é o que dói mais. E aí ela começou a me indicar pra outras pessoas s/m, então eu comecei a ter muitos clientes por isso. E já fui em muitas festas porque eles acabavam me chamando: “olha, vai ter uma festa nossa, você não quer ir? Vai lá pra ver como é que é” Ta, eu vou. E eu já fiz muito trabalho com o Heitor Werneck, ele tem aquela festa luxúria, eu já fiz muita apresentação pra ele na hora, eu enfiar várias agulhas nele pras pessoas assistirem, então tem um... o *piercing* causa dor, se espetar e tal, então tem uma relação.

Carla: E tem também a performance que pode ter um tom mais contestatório, a questão artística...

Zuba: Tem!

Carla: Tem alguma performance que você se lembre, que tenha participado?

Zuba: Dessas apresentações assim? Desses *freak shows*? Eu gostei de um *freak show* que teve aqui com um francês, o Lukas Zpira, teve um pessoal que fez uma apresentação de suspensão, que eu achei muito legal, que eram umas coisas assim que dava pra... foi num teatro, naquele da praça Roosevelt, foi muito legal, muita gente foi assistir.

Carla: Era bastante gente fazendo?

Zuba: Bastante gente assistindo e quem tava fazendo era muito radical assim, aceitou fazer mas com muito radicalismo, pelo joelho que pelo menos na época era muito estranho...

Carla: Isso quando?

Zuba: (pausa) Foi em... 99, por aí. Aí teve umas apresentações da LaNegra, uma menina da Argentina que ta sempre aqui, ela faz umas apresentações legais nesses *freaks* também. Agora o Heitor é o único que eu vi fazendo essas coisas de colocar metais no corpo, essas coisas mais *trash*.

Carla: Nós vimos um *freak* show esses dias com várias coisas desse tipo

Zuba: Tem um pessoal daquela companhia... A Burra de teatro, de Minas, e eu lembro que pra uma apresentação eu tive que colocar um prego na língua do cara e numa outra costurar a boca dele.

Carla: E nessa peça qual era o motivo de costurar a boca? De colocar prego na língua?

Zuba: Eu não sei, porque eu ia até assistir essa peça e aí acabou não dando por conta do mercado mix que ia acontecer mais ou menos no mesmo horário e tal, aí esse cara, o Marcelo que é um dos atores disse: “Zuba eu preciso que você coloque um prego na minha língua” Eu disse: “mas vai inflamar, você ta louco?” é prego, ferro. Ele: “não, depois eu tiro, mas coloca o prego, porque eu vou ter que pregar a minha língua na parede nessa apresentação. Depois vai

ter que tirar, vai ter que ter sangue, mas eu preciso sair daqui com o prego na língua.” Meu Deus do céu! Tá bom... aí eu coloquei, furei, e alarguei né? o prego era grosso, coloquei o prego, ele saiu com a língua daquele jeito pra ainda pregar a língua na parede no teatro na apresentação. E aí numa outra vez que eu voltei pro mercado mundo mix de Minas, a gente fazia Mix em vários estados né? Aí ele falou: “eu preciso que você costure minha boca”eu falei: “putz, mas você me arruma cada coisa hein?! Mas não sei em que contexto ele usa isso.

Carla: Deve ter alguma coisa né? Ainda mais peça de teatro.

Zuba: Chama companhia Burra de teatro esse grupo, eles fazem umas coisas estranhas.

Carla: E você? Você vê a *Body Modification* como forma de contestação em algum momento?

Zuba: Sim, você sempre vê as pessoas que querem fazer alguma coisa pra... Uma vez um cara quis fazer uma escarificação duma... da anarquia no peito. Aí fiz, porque ele queria um... anarquista total o cara! Tudo ele se baseava na anarquia na vida dele. Aí teve um garoto né? Na época ele tinha o que? Uns 16, 17 anos. Ele falou: “meu pai odeia que fure a orelha. Odeia! Ele é separado da minha mãe, eu odeio ele, então eu quero furar a orelha. E dos dois lados ainda. (risos) Que é pra ele falar bastante.”Então vai lá e põe o... fura a orelha e vai mostrar pro teu pai. “Depois eu tiro, porque eu não gosto!” Foi só pra encher o saco do pai. Então tem gente que faz pra contestar alguma coisa de alguma maneira, seja o que for.

Carla: E a questão de contestar um padrão de corpo, na década de 90, a única visão de belo, você acha que existia?

Zuba: Não, não sei, de cara assim... Não sei se cheguei a ver algo assim. Naquela época sabe quem chocou muito com essas coisas de *Body Modification*? Não sei se você chegou a ouvir, da Priscila Davanzo, a menina vaca. Hoje em dia eu nunca mais a vi, nunca mais soube dela. Hoje em dia me parece que tudo está meio normal.

Carla: Mais aceitável né?

Zuba: Neste século não aparece nada de muito novo, na música, na arte, enfim...

Carla: A popularização da tatuagem em São Paulo veio mais na década de 80 ou 90?

Zuba: Tatuagem 80, *Body Mod* 90.

Carla: Como você acha que os adeptos vêem a popularização do movimento hoje?

Zuba: Eu não sei, é complicado porque eu me preocupo muito, na época, já há alguns anos atrás muita gente estava fazendo muita coisa sem se informar, sem estudar, sem saber. E isso me preocupa pela saúde das pessoas na verdade.

Carla: A preocupação maior é essa então né? Não é nem tanto por virar um modismo.

Zuba: Quando eu entrei, fiz mercado mix, comecei a fazer mercado mix eu vi que muita gente que eu conhecia, tatuador e tal não gostou dessa coisa, eles falavam que eu e a Cláudia que fomos as culpadas de ter levado isso pra moda e que não foi legal. Por que? Porque aí começou a procurar, ahn... a vigilância sanitária começou a ir mais atrás, a questão da saúde, começou a procurar mais esses profissionais e isso é muito bom, só que pra eles era muito ruim, pra quem trabalhava na clandestinidade não foi legal.

Carla: Algo como tatuagens a dez reais...

Zuba: Pois é.

Carla: Questão do sindicato: fale um pouquinho sobre o sindicato.

Zuba: Então, depois desse *boom* da tatuagem, do *piercing*, depois do mercado mundo mix e tal, mais em 98 que o Leds quis fazer o sindicato, por conta disso. Porque aí muita gente começou a fazer *piercing* e tatuagem sem ter uma qualificação pra isso. Na época eu até tinha sentado com um pessoal, que era o André Fernandes, o Jairo, a gente já queria fazer um sindicato, acabou não acontecendo, a gente até chegou a fazer umas reuniões, mas... Eu até fui nas primeiras reuniões do sindicato, porque é pra isso, pra cuidar disso junto com a vigilância sanitária, dando cursos, eu cheguei até a fazer curso. Mas aí começou a não fazer as coisas, só ficou no diz que diz, no vou fazer e todo mundo dando dinheiro pro sindicato e eu não vi fazerem nada, eu saí do sindicato e vários outros também saíram. Hoje em dia eu nem sei como ta, perdi muito o contato com esse pessoal. Nem convenção eu faço mais.

Carla: E quando foi reconhecida a profissão?

Zuba: Foi por aí em 2000. Chama-se técnico em *Body piercing.*

Carla: Qual tipo de curso é feito?

Zuba: A gente sempre fala pra procurar um curso ou então, quem dá curso. Eu dou curso, o André Meyer dá curso, o André Fernandes dá curso, você ter um curso com esses velhos é legal. É... você fazer um curso de primeiros socorros também é legal, de acupuntura, você também vai precisar de uma autorização da vigilância sanitária pro local onde você vai trabalhar, tem que ir lá, ter autorização, ter empresa aberta, então tem várias exigências que na época não tinha.

Carla: Era muito fácil você abrir seu estúdio num fundo de quintal...

Zuba: A vigilância exige várias coisas. Tem que ser assim, tem que ter isso, aquilo. *Body Modification* eu não sei, mas tatuagem tem um pessoal novo aí muito bom. *Piercing* na verdade ficou meio estranho agora, antes as pessoas usavam uma jóia boa. Hoje vai pelo preço, *piercing* você encontra em todo lugar, os chineses tão vendendo adoidado por um real. E material bom, você não ganha mais grana com isso. Banalizou muito o *piercing*, você vai na 25 de março e o camelô vende. Você só procura o profissional pra fazer a perfuração, a jóia você compra em qualquer lugar.

Carla: Você acha que existe uma relação de Ego neste meio? Um certo exibicionismo?

Zuba: Não, não que eu me lembre, eu me lembro na década de 80 que tinha uma coisa assim: Não mexe com fulano porque ele tem muita tatuagem, é perigoso, rs.

Carla: Ainda existe isso... tem uma amiga minha que se aproveita das *tattoos* nos braços pra botar medo quando precisa.

Juliana fala da escola, na sala de aula o aluno respeita mais o professor tatuado.

Zuba: Mas é isso mesmo, ainda existe aquela imagem, o povo que tem tatuagem é meio roqueiro, meio briguento. Tem gente que é todo tatuado e é um amorzinho assim, tem uns amigos meus gays que são tatuados e bombados, abriu a boca*: aii, bee*... rs, é uma moça. Anos 90, agora acho que não tem muito disso, deve rolar só em grupinhos de amigos.

Carla: BM extrema em SP já vimos algumas coisas...

Zuba: Tem, espero que as pessoas não avancem mais, logo cortando mão, braço... “É bonito, ta na moda”... Eu vejo que existe uma coisa de pessoas que fazem pra agradar o outro também, faz pouco tempo mesmo, eu tive que fazer um *piercing* no clitóris de uma menina porque o marido queria, ela não queria. Ela tava morrendo de medo de fazer o *piercing* genital, mas dizia, ah mas ele quer... ela fez porque ele quer... Põe ele então né? rs. Aí teve um cara também

que a Cláudia tatuou, que ela queria que ele colocasse o nome dela no braço. Aí depois ela não te quer mais e você vai ficar com essa merda no braço, rs.

Entrevista T. Angel

Carla: Posso publicar seu nome, site e quaisquer outras informações nesta pesquisa?

Thiago: Claro, pode principalmente o site.

Carla: Fale-me um pouco sobre você, quantos anos tem, onde nasceu, fale um pouco sobre sua infância.

Thiago: Bom, eu nasci em 1982, aqui em Osasco, essa cidade que você está agora, tenho 28 anos agora. Estudo história, trabalho com performance e com esse site que é sobre modificação corporal, *body art*, enfim... (o site é o http://www.frrrkguys.com)

É... Infância? Hmmm... Eu cresci numa família cristã, super rígida. Enfim... Até com aquela coisa meio fanática e tal... E, acho que... Sei lá, isso pesa em algumas coisas na minha vida até hoje. Sempre fui ligado na questão da arte, desde criança, estudei desenho, depois criação e bibibi, tanto que eu fiz moda também né? E acho que é isso né?!

Carla: Você teve alguma influência em casa, nessa questão da arte?

Thiago: Muito pelo contrário, acho que eu tive barreiras. Porque como eu te falei, família cristã e fanática, principalmente meu pai.

Carla: Católicos?

Thiago: Congregação Cristã do Brasil. Meu pai não permitia livro e TV em casa, era bem tenso assim... Então não teve uma coisa tipo de incentivo. Eu queria

fazer, e isso é machismo também, eu queria fazer tipo... dança. Não, você vai fazer kung fu. Eu quero fazer pintura... Não não, você vai fazer karatê, sabe? Tudo tipo, a coisa do menino e da menina, a arte muito como uma coisa, tipo, sei lá, inexistente dentro de casa. Então foi muito iniciativa própria mesmo assim, de gostar mesmo, de nascer com a coisa e ir atrás e gostar...

Carla: E como você começou com a Body Modification?

Thiago: Então, aí tem a coisa da paixão por... ahn... ficção científica, desenho em si também, quadrinhos e tralalá, e aí eu comecei com quinze, dezesseis anos assim, com um *piercing*.

Carla: Todo mundo começa com um *piercing*...

Thiago: Todo mundo começa com um *piercing*, e é muito engraçado, porque eu não pensava nem em furar a orelha, não achava legal assim né? Paga a língua hoje (risos) (Thiago mostra seu alargador de 32 mm) e aí eu furei logo o lábio assim... E puxa foi uma experiência muito bacana que eu tive no mercado mundo mix, eu fui uma vez assim, meu irmão me levou, aí pra mim foi um universo novo aquilo, sabe? De possibilidades, de novidade, de experiência, de laboratório, tudo assim... E aí eu saí de lá, já foi pra fazer alguma coisa.

Carla: Isso em 1997?

Thiago: Isso em 1997. E aí desde então não parei mais, não é? Até hoje...

Carla: No caso do *piercing*, você começou com um no lábio, e depois você logo tirou e foi fazendo outros?

Thiago: Então, aí foi o seguinte, eu fiz o *piercing* no lábio, meu irmão fez na língua, e a gente chegou em casa, minha mãe ficou louca da vida, tipo, meu pai nem tanto, agora minha mãe... Cara, nunca vi minha mãe tão brava em toda a minha vida assim... Ela ficou muito puta. E aí no outro dia eu tive que tirar, tipo pra continuar vivo no caso (risos). Sério, ela ficou muito brava, aí pra evitar conflito, quinze anos, eu era novinho, sabe, tipo eu pensei: “Não, vamos evitar”,

ok aí tirei, só que era uma coisa que eu queria muito assim, e eu comecei a me perfurar em casa, aí ela ficou assustada e falou: “não, vai lá amigo, pode fazer seu *piercing*, só um ok?” ok. Aí no mês foi outro, outro, outro... E aí começou, tipo, né...

Carla: E o que a *Body Modification* significa pra você?

Thiago: Puxa, assim, é... Dá pra pensar a modificação corporal só como *piercing* e tatuagem, e a modificação corporal como essa construção individual, o indivíduo e o sujeito. Eu acho que a *Body Modification* não só a questão do *piercing*, mas a modificação do corpo em si, ela faz parte de todo indivíduo, da construção do sujeito, então ela é super importante, não tem como negar isso. E já na questão do *piercing* e da tatuagem assim, é como eu me coloco no mundo, é como eu me sinto completo assim, como se sei lá, tivesse... Até a palestra que eu vou dar amanhã do pré-fabricado, assim. É como se eu tivesse um corpo ok, mas o corpo que precisa de outras coisas assim, pra ser um corpo de verdade, então é um processo que começa no nascimento e acaba na morte, só.

Carla: O que você pensa a respeito da *Body Modification* como estética, quem faz porque é bonitinho, essa diferença do modo como você a vê, como você encara essa questão, existe um preconceito do pessoal do meio?

Thiago: Então, assim... eu costumo separar na verdade assim: a *Body Modification* no sentido até do que o *Fakir* fala de primitivos modernos lalala, pra ficar claro que é a coisa do *piercing* e lalala, e vai ter a coisa da *Body Art*. Tá,a *Body Art* pode ser dividida numa visão artística e numa visão antropológica, não consigo, tipo... sabe? A coisa da estrelinha no pulso, ver aquilo como uma *body art*, primeiro que o tatuador que fez, ele tá pensando no capital, porque ele vai fazer mil estrelinhas se você pagar pra ele, não tem processo de criação nem nada, tem o trabalho manual, ok. Mas é só, é capital e pra pessoa que tá recebendo é estética, é pura estética. Não tem um conceito muito grande por trás disso. Então, sei lá, pra mim, eu gosto de separar a *Body Art* da *Body Modification*, não acho que elas sejam antagônicas, acho que em alguns momentos a *Body Modification* vai entrar na *Body Art*, só que são separados assim, são dois elementos, a gente tem que ver assim. Não tenho preconceito, acho que é a forma de cada sujeito se completar, se colocar no mundo. Se for com uma estrelinha no pulso ou um

piercing no nariz ou um silicone, ou uma plástica na orelha ou uma redução de estômago, alguma coisa...

Carla: Como você encara a questão da plástica e a *Body Mod*? Você acha que elas têm uma ligação? Já que o *boom* da cirurgia plástica se deu com o padrão de corpo esculpido, malhado da década de 90. Fale um pouco sobre isso.

Thiago: Eu acho que a plástica, ela vai estar pro sujeito como um elemento da modificação corporal. A única diferença é que a cirurgia plástica, ela é socialmente aceitável, porque ainda tá dentro do preceito cristão, branco, moral e bla bla bla, e a modificação corporal como você interfere de uma forma que justamente agride o corpo, a cirurgia plástica agride tanto quanto. Mas enfim, foge da coisa cristã, do corpo limpo, corpo puro lalala, e aí vai ter um preconceito social, mas eu acho que a plástica tá dentro da modificação corporal, ela deveria, sei lá...

Carla: Afinal se for considerar agressão, ambas são agressões, você perfura, corta o corpo.

Thiago: Uma amiga me contou de uma lipoescultura que ela fez e ficou um mês e meio na cama, contando com a ajuda de enfermeiras, eu fiz um implante no peito e não fiquei de cama, então sabe? Se você for querer ficar... Ah, isso é mais agressivo, poxa, a gente faz coisa muito mais agressiva do que um *piercing* e uma tatuagem.

Carla: O título do meu trabalho é justamente pensando nessa questão (Forma de contestação ou agressão ao corpo?) afinal, as pessoas não encaram a cirurgia plástica como agressiva, pois vai te deixar mais bonito e a *body modification* para muitos te deixa com aquele aspecto considerado feio, que assusta, que choca. Eu quero discutir isso.

Thiago: O que fode é isso, aí a gente vai entrar na questão de conceito de beleza, o que é belo né? E vai variar de sociedade pra sociedade, de tempo pra tempo, de cultura pra cultura. Não tem como ficar estipulando né? É que aí a gente tem que pensar na massa, pra massa o que é aceito é a cirurgia

plástica pra ter peitão. E um implante na testa é de repente, sei lá, pela coisa do chifre, aí a coisa do demônio lalalá, vai estar dentro, vai ser discutido.

Carla: Você colocou de novo o seu?

Thiago: Eu tirei um lado só, to meio saci de implante (risos), tive que remover, este *transdermal* é sensível demais, até que eu fiquei bastante tempo, inclusive eu fui... Agora eu to pesquisando um monte dele né, é a única modificação corporal que não é recomendada pelos *bmezines*, eles não recomendam fazer. Por que não fica, não tem jeito.

Neste momento, Ivan comenta a respeito de um documentário (Tabu) da Natgeo sobre o tema.

Thiago: Inclusive neste documentário, um dos personagens que eles pegaram lá, é um cara que quer parecer com a imagem que temos do demônio, ele colocou uns chifres muito grandes, o nariz dele, ele removeu aqui (mostra as laterais), o septo e juntou, e aí ficou aquela coisa assim, super achatada, fez orelha também, bom, o que a gente tem de desenho de diabo, ele tá igual, tá super igual.

Carla: Eu acho que isso é uma forma de você bater de frente... com...

Thiago: É isso que é o diabo pra vocês? Então toma o Diabo.

Carla: E aí você bate realmente de frente com aquela moral, o padrão cristão...

Carla: Então hoje você trabalha com o que? Performance, site? Escreve pra algum lugar?

Thiago: Tem o site que ocupa muito, muito tempo. Aí tem as performances também, que agora to um pouco sem tempo, pra focar a faculdade que é último

ano. Então só to fazendo o que tinha agendado no ano passado, e escrevo pra revista, tipo, de tatuagem também, e é sempre sobre algum evento, alguma técnica, entrevista, tem também uma revista digital lá do sul, que é sobre corpo, cultura...

Carla: a C3?

Thiago: A C3, escrevo pra eles também, eu também sou correspondente do Brasil pro site da Argentina o *Piel Magazine*, que é um site bem importante na América Latina sobre modificação corporal, e é muito louco, porque tem muita coisa do Brasil, tipo, de evento, histórico mesmo assim sabe? Fui procurar algumas coisas assim de *freak show*, de performance que a gente já teve aqui, não tem nada no Brasil falando sobre e lá tem, foi bem bom achar, aí trabalho com eles também, que mais? Acho que é só. E tem os eventos também, a *FrrrkParty* que agora dei uma pausa também, a *FrrrkCon*, e aí vou pegando, não pára, faço um monte de coisa...

Carla: Você vê que no Brasil falta um reconhecimento, tanto na questão da *Body Art*, da performance, não são divulgados, você acha que existe um preconceito ainda?

Thiago: O que eu to percebendo assim agora que to entrando no campo da *performance art* assim, é que não é nem um preconceito, mas um tabu, na coisa da *performance art*, mas da *Body art*, quando você mexe com fluido corporal, é... com limite, com extremo do corpo, e é muito doido você pensar, porque a performance, ela nasce dos extremos. né? Mas eu hoje eu sinto que sei lá, tem uma barreira, aí fica bem aberto pra coisa do teatro, da dança e da *Body art* que lida com os extremos eu sinto uma certa resistência. Talvez seja uma visão muito particular, mas eu tenho sentido. E valorização... é tenso, e assim, é mais triste pensar, até por tudo o que eu tenho feito ultimamente, a falta de valorização do meio também, tipo pela *frrrkcon* que é um evento que supostamente é voltado para a galera que é da *Body Mod* e até da *Body Art* assim, são poucas as pessoas que vão. Vem mais gente de fora de São Paulo por exemplo do que de São Paulo, não sei o que acontece, e não dá pra entender, a primeira edição mesmo, a gente esperava um monte de gente e a galera não vai, tipo a galera que trabalha mesmo com a coisa não vai. Então tipo, aprende a perfurar sabe-se lá como e ok ta satisfeito, ah eu ganho dinheiro ta bem assim. Não pensa em estudar, em discutir o corpo, a idéia do

evento é até essa né? Pensar os processos corporais... a impressão que dá é que ninguém ta aí pra pensar, só pra fazer...

Carla: Então boa parte da modificação corporal virou comércio?

Thiago: É ainda que o extremo a gente não pode falar em comércio porque ele é bem restrito. Até de profissionais aqui, uma escassez tremenda...

Carla: O que você considera extrema e não extrema?

Thiago: Implantes... Acho que o que tudo o que você pode colocar como cirúrgico, implante, o *tongue split*, acho que a gente pode falar que é extremo, o não extremo, tatuagem e *piercing*, que é só perfurar e marcar.

Carla: E a suspensão? Você acha que é extremo ou não?

Thiago: Depende, depende do contexto em que ela vai estar inserida. É... é até uma pergunta que tenho me feito, se ela está super valorizada, não super valorizada, mas tipo... bem colocada hoje, porque tem bastante gente fazendo.

Carla: E está aparecendo mais né?

Thiago: Sim, é... e aí eu não sei, mas... Valorização acho que a gente não tem, ninguém consegue viver só com suspensão por exemplo, não tem nenhum profissional no Brasil que viva só disso. *Piercing* tampouco. Tatuagem ok. Tatuador consegue viver só da tatuagem, da modificação extrema não consegue viver, porque não tem público né?

É Tenso assim, não tem valorização nenhuma. E a galera tipo, reclama demais, os profissionais, quem pratica, é entusiasta, reclama demais que falta evento, que falta informação, que falta livro etc. E quando tem não vai. Então reclamar, só pra ficar reclamando no *twitter*, enchendo o saco, não precisava fazer, agora atitude mesmo, é pouco, bem pouco.

Carla: Das técnicas que você já fez, qual acha mais interessante? E se arrependeu de alguma coisa?

Thiago: O que eu já fiz, vamos lá: fiz *piercing*, aí os *stretchings* que é alargar os buracos dos *piercings*, tenho *tattoo*, tenho *scar*, aí da *scar* eu tenho o *cutting* que é feito com bisturi e tenho o *branding* que é feito com queimadura, ai eu tenho implante *subdermal*, e tenho o implante *transdermal* por pouco tempo (mostra o da cabeça), tenho *tongue split*, que mais? Acho que só. E poxa, não tem nada que eu tenha feito em mim que não goste, mas na modificação corporal tem uma coisa que não é nem que eu não goste, é que não entendo ainda, que é amputação. Não entendo. Até porque ela vai debitar o corpo, o movimento vai ficar debitado, até se você arranca dente, tem uma galera que arranca dente, vai faltar... Então eu não consigo entender. Talvez um dia eu abra minha percepção pra isso, mas hoje não. E o que eu mais gosto, por incrível que pareça é o implante *transdermal*. Enfim, quem sabe um dia uma técnica nova, que fique. E é a minha favorita, e a mais dolorida, de tudo que eu já fiz foi a mais dolorida. E a favorita.

Carla: que motivos você tem para realizar as modificações, inicialmente e agora, era estético? Tinha outro motivo envolvido?

Thiago: Quando eu comecei lá com os quinze anos, não tinha muita consciência dos porquês, era uma coisa estética de experimentação mesmo né? As tatuagens, as primeiras até também, estética. E aí depois comecei a pesquisar e blábláblá, e entrei no campo da *Body Art* e aí eu fiquei querendo fazer discussões, sei lá, da sociedade, uma visão mais ampla, ou minha, uma inquietação minha que eu precisava colocar pra fora. E era através do corpo que eu colocava assim. Então frases que eu tenho, eu tenho um monte de palavra no corpo, as asas das costas com a *scar*, a discussão de como se eu tivesse tido asas e elas foram arrancadas. Esse braço que eu to fazendo agora, por exemplo, que é até pro livro, o braço é uma discussão sobre as relações sociais, como se cada pessoa fosse um pontinho e aí elas vão se juntando até formar um todo só. Enfim, então a coisa do pós-humano, eu vou ter os chips no coração que é meio humano, meio robótico. Vão sendo discussões que eu vou colocando pra fora. Talvez eu pudesse escrever, talvez pudesse desenhar na tela, mas acho que não seria intenso o suficiente pra mim. Acho que o corpo é minha mídia *more*, assim.

Carla: Então tudo o que você faz hoje parte de uma discussão, de uma significação maior...

Thiago: Sim. Total. Até meu *tongue split*, por exemplo, eu fiz da primeira vez pensando na estética da coisa, hoje eu já vou fazer pra discutir a questão do paladar. E aí é... Vai mudando. Quando eu começo a fazer não tenho consciência do tipo, é... uma coisa de estética mesmo, depois já vou usando o corpo pra fazer discussões. E nunca vai acabar eu acho...

Carla: Eu queria saber um pouco da relação com a dor.

Thiago: Poxa, a dor na verdade pra mim sempre foi um problema, eu sempre sofri pra cacete, meu primeiro *piercing* eu passei mal na cadeira do estúdio. Passei mesmo e não tenho nem vergonha (risos), fiquei branco assim, e aí quando acabou o *piercing,* eu falei: quando é o próximo, não é?? Mas sério, foi ruim, porque eu tinha muito medo de agulha, pô! Eu era adolescente tinha acabado de sair das fraldas e já tava lá me furando. Muito medo. E aí sempre foi problema, eu falava: não vou fazer isso porque vai doer, não fazer aquilo porque vai doer. Só que aí você vai começando a trabalhar o corpo, você vai mudando conceitos né? Então você vai fazendo com que a dor vá deixando de ser um empecilho, você vai querer pular a dor o máximo que puder, só que você começa a entender que ela faz parte. É como quando você aprende a andar, você vai cair, vai doer, pra andar de patins eu caí pra cacete, me machuquei pra cacete, e doeu. Então você vai começando a fazer essas relações com a vida mesmo. Então tudo que eu faço eu não faço pela dor, não mesmo, quando eu posso burlar a dor eu burlo. Mas enfim, não tem como né? Ela tá presente, eu to vivo. Próximo, eu não conheço ninguém que faça só pela dor. Não, não conheço mesmo. Mas a gente ouve né? Tem o s/m que curte, que faz mesmo pela dor. Próximo de mim pra ter um depoimento mais preciso, não tenho.

Carla: Você vê a *Body Modification* como forma de contestação a alguma coisa ou não?

Thiago: Assim, eu vejo e não vejo, não é? Como eu tava falando, a *Body Modification* pode ser uma cirurgia plástica, para manter a norma social, do que é belo, do padrão de beleza. E aí não tem função nenhuma, você tá seguindo a

fila. Agora quando você, por exemplo, coloca chifre, eu acho que você ta fazendo uma puta discussão, por mais que você nem pense nisso sabe? “Ah eu fiz porque queria discutir o cristianismo e blábláblá”. Por mais que você não pense nisso. Mas você fazendo isso, já está fazendo uma discussão. É... Mas eu acho que a *body art*, ela vai estabelecer discussões mais profundas e mais conscientes assim, se for pensar. Enfim, então acho que dá pra fazer dessa forma. Você pode usar a modificação corporal para seguir a fila, o fluxo do que é socialmente normal, ou tido como normal e belo, e aí você pode fugir disso e questionar tudo né? Acho legal quando questiona, acho bem mais legal. Você pensa: “poxa, cara.”Por exemplo, a gente tem racismo, aí de repente você vê um cara que se pintou inteiro de azul, e aí você fala: *wow*, azul... Por mais que não tenha intenções de discutir a questão racial, mas o cara tá azul, e daí, tipo...

E eu tava lendo uma reportagem, acho que na revista planeta, que tem uma doença de pele, não vou lembrar de que país o cara é, que ele ficou azul, ele tomou um medicamento muito tempo, e ele ficou com a cor da pele azul, e ele sofre um puta preconceito, mas ele não teve escolha, ele tomou a medicação e ficou azul... chamam ele de homem *smurf*, ele é azul e meio ruivo assim... e ele não teve escolha, isso é pra gente ver até onde vai né? o cara é super mal quisto...

Carla: O que você acha da questão do preconceito para com os praticantes da *Body Mod*?

Thiago: Eu sofri um monte de preconceito, poxa, ah vou discutir capitalismo agora? (risos). Mas é verdade, não tem como não falar, é o sistema do capital, eles querem pessoas iguais, para desempenhar funções que as pessoas não pensem, não questionem. E não sei se assusta de repente chegar um corpo diferente, e de repente, sei lá, a empresa por pensar que pessoa tem um corpo diferente, ela vá ser uma pessoa diferente, vai ser, não tem jeito. Eu acho que o preconceito já nasce daí, do capital querer pessoas iguais assim, que não questionem nada, fantoches. E aí os meus preconceitos foram: conseguir entrar numa empresa, mesmo com *piercing* e tatuagem, e lá dentro da empresa ter uma ascensão profissional bacana, a empresa ser terceirizada, eu ter que sair, e depois não me colocarem no mesmo cargo, descer, voltar tudo de novo e se alguém me aceitasse, e pra mim isso foi um choque tremendo. Eu questionei demais tudo, porque eu ia fazer umas entrevistas com uma galera que nem sabia falar que era “pobrema”, nóis vai, nóis vorta”e tipo, eu não ficava e a pessoa ficava. Eu falava ok. Não tô ficando porque tenho *piercing*. E é um saco, eu acho que assim, se for pensar só na tatuagem nos anos 80, 90, era muito pior... tinha que esconder mesmo. E se vissem no exame médico,

você era reprovado, e se descobrissem depois você era mandado embora. Porque era ligado à marginalidade e blábláblá. Hoje a tatuagem em si não, ela já é aceitável, as outras modificações já não. Você até pode conseguir emprego mas é subjugada a capacidade intelectual, profissional, meu caráter, tudo.

Carla: E fica restrito né? Você tem que acabar em meios que possam te aceitar e são poucos...

Thiago: São nichos. E acho isso um saco... Por que, sabe? Colocar como se eu fosse inferior, mas infelizmente tá posto né? E não é de hoje.

Carla: O que você acha a respeito de quem realiza a *Body Modification* hoje? Tornou-se um mercado consumidor? As pessoas já fazem por moda?

Thiago: Olha, eu acho que a modificação tá virando moda sim, porque na verdade é assim... Acho que é meio que uma coisa atual assim, todo mundo quer ser celebridade, então na internet a pessoa quer ter um *fotolog* super acessado, o *Orkut*, quer ter mil *Orkuts*, *Facebook,* 50 mil amigos, e aí a modificação corporal, ela atrai gente, curiosos, é um meio da galera se tornar celebridade, enfim não sei do que, mas é um meio. E aí a galera vai e enche o corpo de coisas, passa dois anos “ah, não quero mais”. E aí não consegue emprego. Até não fazendo uma separação cartesiana de corpo, mente e blábláblá, mas eu acho que quando você faz modificação você tem que ter uma mente muito bacana, uma maturidade pra fazer. Pra que passe o tempo e você... né?

Carla: E muitas das modificações são pra sempre...

Thiago: Totalmente, então a galera de 16 anos ta fechando o pescoço de tatuagem, as mãos, os dedos. Cara, acho que é muito precoce, não é o momento. Tem uma galera que se enche de coisa pra chamar a atenção, e não é um, são vários. É... então tá uma febre né? Se a gente ver as bandinhas que fazem sucesso hoje no meio *teenager* assim, são menininhos tatuados com alargador e eles vão desenvolvendo um monte de cópias, e aí vai... É um problema da *Body Mod* até, quantidade e não qualidade, e a qualidade nem

precisa ser do trabalho em si, mas da satisfação da pessoa em ter a coisa. Acho que é isso.

Carla: Você acha que no começo isso pode ter surgido como um movimento e agora se perdeu?

Thiago: (pensa um pouco) É, assim... acho que foi um resgate que discutiu muita coisa na sociedade, poxa, ele vai retomar rituais indígenas, a gente matou o índio o tempo inteiro, ele vai trazer um monte de coisa hindu, poxa, a gente só preza o cristianismo aqui, aí ele vai colocar chifre, poxa mas o corpo não pode ser modificado, machucado. Então até que ele fosse assimilado por uma grande massa, apesar de ainda ser pouco hoje, demorou. E hoje já está no processo de propagação da coisa. É, a gente pode até pegar como exemplo o *bmezine*, que é a bíblia, eu chamo de bíblia... Você olha o começo da coisa e hoje, você vai ver a coisa que eu to falando de quantidade e não qualidade. Não sei se tá se perdendo, mas já não é o que foi no começo.

É como a coisa do silicone, vou colocar 300, 400, 500... Ah, vou fechar o braço, a mão o dedo...

Carla: Por que existem pessoas que se destacam mais no meio? É pela quantidade de modificações que tem, é pela idéia, por que isso ocorre?

Thiago: Acho que vão ter vários assim, na verdade. Tem o profissional que trampa legal, que vai ser reconhecido e aí ele vai virar tipo, meio que ícone no meio, e aí a gente vai ter ícones mundiais e nacionais, vai ter a galera entusiasta, que vai fazer muita coisa, muita, muita coisa e aí vai virar um ícone de extremidade assim... A idéia vai estar mais ligada ao profissional do que ao entusiasta. Como te falei, tem gente que vira celebridade do meio, mas eu me pergunto o que a pessoa fez? Ah, ela tem um trampo legal na perna" e eu pergunto: e? o que ela trouxe de inovador pro meio? "Nada, ela é legal, ela é bonita"... Pode acontecer do entusiasta ser reconhecido e o profissional de muito tempo não.

Carla: Agora queria que você falasse um pouco da performance. Performance por si só, performance com *Body Modification*, como elas se relacionam? O que você pensa sobre, que tipo de performance faz?

Thiago: é... então, a performance vai estar dentro da *Body Art*, sendo que ela pode usar elementos da *Body Mod*, por exemplo a Orlan, que uma série de trabalhos dela, são em cima de cirurgias plásticas, então eu acho que é só nesse sentido que a gente pode dizer. Outra coisa legal que a *Body Mod* dá na performance são as possibilidades, por exemplo, eu fiz uma performance que eu construí o sistema venoso externo artificial, e eu usava os buracos novos que eu tenho no corpo, eu passava o caninho pelo nariz, pelo buraco da orelha de dentro, pelo mamilo, então é toda uma construção externa artificial que só foi possível porque eu tenho modificação corporal, pra fazer até a discussão que eu queria, sobre a artificialidade do corpo, então acho que nesse sentido dá pra puxar a *Body Mod*. Ahn... só. Agora a performance pra mim, ela vai surgir como forma de contestação, ela vai nascer lá no pós segunda guerra como forma de contestação, e mesmo quando eu comecei sem saber muito, você não começou comigo na FMU né? (Estudamos moda juntos) Começou na FMU de uma forma muito pitoresca assim, é, mas eu gostei da coisa pelo pouco que eu tinha visto, e aí corre atrás pra poder saber né? Então a primeira performance que eu fui fazer lá na FMU, eu fui discutir o consumo de pele dentro da moda, e aí, que é legal, eu entrava com a boca costurada e eu ia soltando as costuras da boca, com a boca livre eu começava a fazer alguns cortes no corpo, e com o sangue eu escrevia peles e fazia um X. Ok. Cortei o corpo, sangue, guarda isso, e aí eu me empolguei com o sangue, então ficou muito sangue. Tinha um monte de bichinho de pelúcia da Parmalat todo fudido, pendurados em ganchos e eu arrancava eles e blábláblá, andava entre os alunos da sala, sangrando. É... dava a volta, colocava os bichinhos do lado, sentava e me cobria com o tecido que eu tinha escrito peles. Ok. Acabou a performance, pra mim, foi meu primeiro trabalho e correspondeu a minha expectativa, a professora passada. A sala inteira também passada, e aí eu recebi uma informação da diretoria lá da faculdade, da Romy, que eu poderia fazer as performances, mas que eu não envolvesse mais nenhum tipo de fluido corporal. Porque lá não era uma faculdade de arte, era uma faculdade de moda. Fiquei muito puto cara, aí poxa, eu trabalho com corpo, a performance , gente, ela nasce disso, um monte de artista... já vi cara que se matou em alguns trabalhos. Outros sangram, isso é o nascimento da performance cara,... E aí eu fui proibido de fazer. Aí eu usava o sangue em outras formas, tubinho, desenhando, não deixei de fazer isso. Eu nunca ia deixar, mas foi meio chocante pra mim... E até o que eu tava te falando, eu senti que existe uma resistência com a performance quando ela envolve extremos e envolve fluídos corporais. Agora quando é bonitinho, dançado, ok, é aceitável.

As outras performances que eu fiz sempre vão estar nesse mesmo contexto, eu fiz uma outra sem a coisa do tempo, que eu também tava com a boca costurada, eu gosto de boca costurada né? E aí era show de uma banda e eu

entrava no meio do show com um monte de frases em papéis, frases libertárias, anarquistas, e aí eu ia jogando nas pessoas, ia grampeando em mim, ah, e eu tava de terno e gravata, aí eu tirava como se eu tivesse me sufocando, começava a puxar o fio da boca e começava a sangrar muito. Acabava o show, acabava minha performance. Então sempre tem umas discussões meio que políticas e blábláblá. Meio que bastante até. Teve uma que foi bastante particular que eu fiz com suspensão corporal até...

Carla: Tem um lance de performance envolvido no ritual de suspensão né?

Thiago: Tem... Mas eu comecei sem fazer, sem nem nada, sem consciência de nada. Eu queria experimentação corporal. Aí eu fui e fiz minha primeira suspensão, até a terceira foi só experiência, daí eu comecei a elaborar os trabalhos de performance envolvendo a suspensão corporal também. Quando eu fiz 25 anos eu queria marcar essa passagem com uma performance que seria ritualística assim, aí foi o “Rebirth 2.5”. E aí eu ficava suspenso em posição fetal, aí no momento em que estivesse subindo começava a tocar um monte de música que marcou minha vida, isso com incenso em todo o ambiente, sândalo, pra repartir com o público que tava ali as sensações minhas, então a audição, o olfato, eu trabalho muito com sentidos, acho que é uma forma de entrar no público assim... de passar a mensagem mesmo. E aí tava lá brincando com a coisa dos sentidos e eu suspenso, tinha um círculo de tecidos brancos em volta e a galera começava a escrever cada um uma palavra pra mim, para a nova vida que eu ia começar a partir daquele momento. Foi doido, porque eu comecei a ver umas palavras assim, tipo... e me emocionar com a coisa, e eu segurando o choro, porque eu pensei “se eu chorar, tem gente que nunca tinha visto suspensão, tem gente que vai achar que eu to sentindo dor, e não era isso, eu tava ficando emocionado e queria chorar, porque tava tudo muito lindo. E aí eu lá segurando o choro, foi punk... E aí quando eles acabavam de escrever eu descia. Foi foda! E essa foi muito pessoal, que não teve nenhuma discussão política. Foi no sentido de repartir minha vida com os outros e ter uma nova vida, nascer e morrer da mesma... Orlan! E acho que é isso de performance né?

Carla: Conte-nos sobre o Project Ang3l, o livro, o site...

Thiago: O livro vai nascer assim de várias vontades minhas, primeiro porque falta material, você sabe disso. Falta muito material a respeito da *Body Art*, da *Body Modification* nacional, ele nasce da vontade de colaborar com isso. E aí

seria uma série de performances que estão sendo registradas por fotos, e aí vamos fazer um monte disso e colocar num livro. E aí as performances em si estão dentro do que eu costumo trabalhar, o extremo e as discussões, então pra começar eu queria... O Project Ang3l, a idéia do anjo, mas o anjo padrão, então eu fui lá buscar o anjinho loirinho, pele rosada, por mais que já tivesse algumas interferências corporais também eu tava ali, dentro do que é posto pra gente como um anjo. O tipo de anjo tradicional. Ok. Aí eu fui, aí eu coloco essa parte como o gênesis do trabalho. Feito isso, eu queria passar por um processo de purificação, que seria uma performance também, mas pra dar andamento nas outras partes assim, aí eu busquei em um ritual hindu, que é o Khavad, que é um ritual pra Shiva, que eles colocam várias lanças no corpo e andam e blábláblá, puxando disso chama a *playspeers*, que aí você pode usar as lanças de várias formas, não com a estrutura do Khavad em si, deitado, sentado, da forma que você achar melhor. Aí eu fui pra Campinas, na verdade em uma correnteza, um lugar muito bacana pra coisa da purificação que eu queria discutir, a coisa da natureza blábláblá. Lá eu fiz a performance. Então era tudo muito simbólico, as flores, o cheiro, sempre trabalho com isso, e aí eu ficava deitado sobre umas rochas e aí atrás de mim ficava passando a correnteza, e aí nisso iam sendo colocadas as lanças no meu corpo, uma a uma, uma a uma, na perna, nas costas. E aí conforme você vai respirando a lança vai entrando no corpo, e quanto mais você fica, mais ela vai entrando no corpo. Aí eu fiquei até meu limite que foi uma hora, uma hora e pouco. E na verdade eu saí nem por conta das lanças e sim por conta do frio, tava ficando inteiro roxo, então saí, acabei.

Foi muito bacana, e como eu nunca tinha feito e eu era apaixonado por essa técnica, a sensação de purificação foi atendida total, total. Eu voltei assim... Meu Deus! E sei lá, é um momento que a gente, tem pouco tempo, a gente pára pra reparar na respiração, e aí é como, ou você respira direito, ou vai sentindo mais as lanças, é uma paz de espírito muito profunda que você alcança. Aí foi muito legal, aí as outras partes do trabalho...

É... tem a parte que vou discutir os cinco sentidos, mas aí a discussão é a seguinte, na sociedade contemporânea, corrompida pelo capitalismo, as pessoas, elas se alienaram tanto que elas perderam o contato com a coisa dos sentidos assim, eu falo que as pessoas estão anestesiadas. Então a idéia é mecanizar o corpo pra recuperar o que a gente tem de orgânico, que é o mais natural da gente assim. Então é... da parte que eu já fiz por exemplo, eu fiz uma *scar* sobre o olho e aí o sangue ia escorrendo sobre o globo ocular e blábláblá, e era como se eu tivesse expandindo a questão da visão. Aí vai ter também o olfato, que eu vou fazer um *punch* dentro do septo, remover numa tacada só e alargar mais as laterais do nariz, como se eu tivesse realmente ampliando minha capacidade olfativa. No paladar eu vou abrir mais a língua, mais possibilidades assim. Da audição eu vou aumentar os alargadores, como

se eu tivesse realmente mecanizando meu corpo pra expandir os sentidos. A idéia é, desenvolvendo meus sentidos, mas fazendo as pessoas refletirem sobre os delas. E o tato eu quero discutir através das marcas corporais, da escarificação que vai te dar outra textura, é muito bacana porque to fazendo bem na questão das asas. E aí tem a pele normal e tem a *scar* que vai ficar super alta. E aí eu ainda quero fazer no braço também, implantes, então onde tem as bolinhas, depois eu quero colocar bolinhas de verdade, pra ficar a coisa do tátil mesmo.

Quero discutir também a questão do gênero sexual, a idéia é, como eu quero passar do humano ao pós-humano, a idéia é que eu seja um transexual, não no sentido de querer virar mulher, mas no sentido do sexo além, não é nem homem nem mulher, "what a fuck?" é o *it* né? Não é nem *he* nem *she*, é o it. (risos) Então vai ter uma discussão sobre isso também. O que vai ser bacana, vão estar entre a discussão de masculinos e femininos. Tem a do braço que é Connection 0.0 que é, na verdade o 00 junto dá impressão de 8, infinito que é deitado. A idéia é de como se cada pessoa fosse um ponto e de que se elas tiverem consciência de que todo mundo está interligado, é um todo né?

Carla: Você ta discutindo individualismo né?

Thiago: Exatamente. Poxa, a coisa mais comum que tem é a coisa do elo né? Você conversa com ele, ele conhece alguém que já te conhece. Se for pensar mais além. Isso vai despontar questões raciais, superioridade de raça, porque racismo com base em que? Principalmente no Brasil, sexual, porque "ah, ok eu sou homofóbico", mas aí você conhece alguém que de repente foi pra cima de você que é homossexual e aí...

Então eu quero despontar várias discussões através deste trabalho. E aí eu vou chegar depois no final dele e quero retomar um passo de cada, do processo que eu passei, e aí vai ser a colocação do pós-humano em si. E aí fecho. Era pra eu ter terminado ano passado, só que aí o fotógrafo teve alguns problemas uns problemas pessoais e não tava conseguindo fazer as fotos, e aí eu fiquei esperando por ele, só que não dá mais pra esperar por ele, e vou dar continuidade agora sem ele.

Carla: Você pretende escrever os textos também? Dar uma introdução sobre cada processo do trabalho?

Thiago: Sim, pra ter sentido as discussões, ou pelo menos um memorialzinho de cada performance, cada modificação, vai ter. O Project Ang3el é isso, e ah! Eu quero fazer um livro e junto com o livro eu quero fazer uma exposição, porque é a discussão que me incentivou a fazer, incentivou pessoalmente, a falta de material. Poxa, a gente teve exposição em 1998 sobre *piercing* no Mis que ninguém sabe, e não tem mais nada, mas não tem mais porque a galera não se interessa. Então na verdade é ir colocando até que uma hora a galera fale: tem! Então vamos freqüentar. Então eu acho que é como começou o movimento, se for pensar em movimento, dava pra contar quantas pessoas tinham piercing anos atrás, hoje é impossível contar. Eu acho que a gente pode chegar a milhares de pessoas que queiram pensar o corpo e não ficar só no âmbito da academia, que seja parte do cotidiano para que possa haver uma evolução mesmo da coisa. Acho que é isso.

Carla: Há alguma ligação entre a *Body Modification* e erotismo, pessoas que procuram com essa intenção?

Thiago: Vou falar no particular e depois no geral. Olha, eu sou bastante assexuado, bastante. Só que é muito doido assim... A modificação corporal me liberta de um monte de amarras da minha relação com o corpo. Eu era muito, muito, muito tímido, perna fina, muito branco, muito magro, cada hora era um tipo de complexo que eu tinha e a modificação corporal me limpa disso. E aí sexualmente pensando, só essa limpeza já foi significativa demais, eu estar bem comigo para estar bem com oura pessoa. E isso pode ser muito particular, por exemplo, a barriga, não tem nenhuma ligação com nada, mas enfim, eu acho que depois que eu tatuei minha barriga, por exemplo, ela ficou muito mais sensível; o *piercing* do mamilo, total mais sensível; a língua repartida. Então são vários elementos que vão colocando um certo fetichismo sabe? Mexe com a sensibilidade do próprio corpo. E aquilo que te falei, a *Body Mod* possibilita novas coisas não é? Então por exemplo, em uma festa de fetiche que eu fui, o menino que tava fazendo uma sessão de *art body*, com amarrações e blábláblá, e a mestra dele tava fazendo uma amarração genital nele. E ela viu um *piercing* na glande, então ela usou a argola pra fazer uma amarração nova lá, se ele não tivesse a argola no pau não daria né? (risos). Possibilita novas coisas, eu acho que não é tão particular a sensibilidade do corpo, eu acho que realmente...